

Quando
eu tiver 64

andré toledo



<http://quandoeutiver64.blogspot.com>

um blog escrito por André Takeda

Capa por *Fabricio Kassick*.

Você pode usar este texto, desde que cite a fonte.

Este arquivo é gratuito, mas *André Takeda* é agenciado pela *Página da Cultura*. Se você tem uma proposta a fazer, acesse www.paginadacultura.com.br e envie um e-mail para *Marisa Moura*.

Prefácio do autor

Tudo começou em 1995. Um belo dia decidi que iria escrever uma trilogia sobre os vinte anos. Nem pensava em levar a literatura tão a sério como levo hoje, mas enfiei na cabeça que iria colocar no papel uma história contemporânea sobre pessoas como eu. Foi assim que nasceu o *Clube dos Corações Solitários*, editado pela *Conrad Editora* no final de 2001, quase seis anos depois de seu primeiro rascunho.

Quem leu o *Clube* conhece bem o meu personagem *Eduardo Spitzer*, ou, se preferir, somente *Spit*. Antes mesmo de esperar uma resposta positiva de uma editora, eu já havia começado a escrever a segunda parte da trilogia. O título é *Tempo Perdido*, e por alguns meses o seu prólogo esteve disponível no site *TXTmagazine.com*. Nesta nova história, *Spit* está prestes a se casar com a menina do táxi do *Clube* quando, subitamente, lembra de *Ana Teresa*, uma antiga paixão da adolescência. Tudo quando acontece em 1997, quando a banda britânica *Echo & The Bunnymen* volta à ativa depois de quase dez anos. Na cabeça maluca de *Spit*, o fato de seus ídolos se reunirem e *Ana Teresa* estar presente novamente em seus pensamentos, tudo ao mesmo tempo, não é mera coincidência. Nos dez anos que se passaram, ele se apaixonou por muitas bandas. Mas amor mesmo sentiu apenas pelos *Bunnymen*. E com *Ana Teresa* era a mesma coisa. Por isso, *Spit* larga tudo e sai em busca de sua primeira namorada. A saga começa em

Porto Alegre, passa por *Londres*, *Atenas*, *Santorini* e termina em um baile de formatura na *Associação Leopoldina Juvenil*, também em *Porto Alegre*.

A questão é que depois que o *Clube* foi lançado, desisti de continuar com a trilogia. Mas, em uma madrugada de trabalho, decidi experimentar o tal *Blogger*. Fiquei impressionado com a sua simplicidade. Aí surgiu a idéia de criar um blog de ficção. Para isso, recuperei a idéia original do terceiro livro da trilogia, cujo título seria *Quando Eu Tiver 64*. Na verdade, quando pensei em produzir o blog do *Spit*, estava aceitando o desafio de escrever um livro em tempo real. E o mais surpreendente é que muita gente acreditou que tudo aquilo estava acontecendo de verdade. No final de dezembro de 2001, a caixa postal do *Spit* estava lotada de e-mails. Eram pessoas xingando, consolando, confessando, conversando. Fiquei tão surpreso com o resultado que até decidi criar o meu próprio blog.

Apesar de gostar da história, não tenho a intenção de publicá-la. Sempre quis escrever algo sobre a entrada nos 30 anos e, principalmente, sobre o relacionamento de um filho com o seu pai. No entanto, acredito que esses temas foram explorados de forma mais profunda e verdadeira em meu novo romance *Cassino Hotel*, que será lançado pela *Editora Rocco*.

Por isso, reuni todos posts e editei este pequeno livro. Alguns erros foram corrigidos, outros mantidos. Porque é assim que um blog funciona, não é mesmo?

Espero que você se divirta tanto quanto eu me diverti enquanto escrevia. Lembro que passei o Natal em *Porto Alegre* e precisava desesperadamente atualizar o blog. Escrevi todo o final no computador do meu cunhado, com o meu sobrinho querendo ler tudo. Foi um mês de correria e dor de cabeça. Mas valeu a pena.

Boa leitura.

Beijos e abraços.

André Takeda.

São Paulo, julho de 2003.

Quinta-feira, Novembro 22, 2001

Isto ainda é um teste. Não sei se um dia você irá ler o que vou escrever aqui. Aliás, não sei nem se vou escrever. Nunca tive um diário. Mas, você sabe, custa caro fazer terapia hoje em dia.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:32 AM

Troquei o layout deste blog umas vinte vezes. Se eu soubesse alguma coisa de design ou html ou qualquer coisa parecida até criava algo mais decente. Mas como ando me sentindo branco ultimamente, é assim que vai ficar.

Pelo menos por enquanto.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:41 AM

Acabo de chegar da redação. Ainda preciso tomar um banho antes de me jogar na cama. Mas decidi ligar o computador e brincar mais um pouco com este tal de blog. Até porque lá no jornal algumas pessoas ficavam olhando por cima dos meus ombros, e, por isso, decidi aprender os truques do programa aqui em casa.

Ok.

Menti.

A verdade: ainda estou acordado porque Ana Teresa ligou e deixou um recado na secretária eletrônica. Era uma mensagem erótica, digamos assim, por isso não ligou para o meu celular. Gostei da surpresa. E fiquei com vontade de... transar. Quero sexo. Foda-se o meu cansaço. Quero sexo com Ana Teresa. Mas ela está em um flat lá em Belo Horizonte. Droga. Preciso me distrair.

Ou...

Ou posso aproveitar que estou na internet e procurar algum site erótico.

Afinal, ficar longe de Ana Teresa tem lá as suas vantagens.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:32 AM

Já se foram os dias em que acordava com alguma música decente no rádio-relógio. Agora é o barulho de britadeiras que me faz levantar da cama. Mas nem me importo mais. Quero apenas que a porra deste prédio fique pronto de uma vez. E não é porque assim vou poder dormir melhor. É porque, às vezes,

fico ali na janela e vejo os casais visitando a obra, como se estivessem fiscalizando a compra. E é interessante observar como as pessoas exercitam as suas fantasias em meio a uma estrutura de concreto cinza e vazia. Então, penso que queria ser uma delas. Queria ter a coragem de poder planejar uma vida a dois, de tomar vergonha na cara e fazer uma poupança para comprar uma casa própria. Um lar, quem sabe. Um lar para mim e para Ana Teresa. Porque não sei se um dia já admiti isso para alguém... Mas não há despertador melhor do que a perna de Ana Teresa tocando o meu tornozelo de manhã.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:22 PM

Ana Teresa ligou.

– Tô saindo de uma reunião – ela disse com a voz ofegante e, imediatamente, lembrei que a queria nua em nossa cama na madrugada. – Só liguei pra dizer que tô com saudades.

E antes que eu pudesse dizer que sim, que também estava com saudades, que queria a sua companhia no meu banho da manhã, que queria almoçar com ela, a ligação caiu. Malditos telefones celulares. Malditos interurbanos. Malditos advogados.

Posted by Eduardo Spitzer | 2:16 PM

De que adianta um dia de folga se você está cansado, quebrado e inutilizado para coisas banais como, por exemplo, ir ao cinema, fazer compras no supermercado, revirar livrarias?

Pelo menos consegui conversar direito com Ana Teresa.

- Alô.
- Hummm...
- Acordei você.
- Mais ou menos.
- Passou a noite no jornal?
- Onde mais poderia ser?
- Você não tá aprontando, tá?
- Tô com muitas saudades de ti pra pensar em aprontar.
- Que bom... Também tô com saudades...

Já estava me preparando para mais um daqueles telefonemas chorosos, manhosos, derretidos. É aquele tipo de conversa que até algum tempo atrás só conseguia levar adiante quando estava protegido dos ouvidos alheios na segurança de meu quarto. Mas com Ana Teresa é diferente. Falo as coisas mais

bregas em pleno horário de expediente, no meio da redação do jornal, enquanto muita gente faz sinal de que vai passar mal com tanto açúcar. E eu estava precisando de uma conversa assim. Ainda mais estando deitado em minha cama numa tarde de quinta-feira.

Só que eu estava enganado.

Ana Teresa apenas perguntou:

– Já falou com o seu pai?

Posted by Eduardo Spitzer | 5:36 PM

Meu pai.

Estou aqui ouvindo John Lennon e pensando em meu pai. O notebook sobre a minha velha cama de solteiro. Aliás, ainda não falei que estou morando temporariamente com o meu pai novamente. Na verdade, neste final de semana faço a minha mudança. Há dois meses eu e Ana Teresa nos casamos. E ela arranhou um ótimo emprego em Belo Horizonte. E no sábado pego a estrada para morar com ela. E, depois da conversa que tivemos na semana passada, o meu pai perguntou se não quero que ele me leve em seu carro até Belo

Horizonte. Foi mais uma daquelas conversas cheias de reticências e coisas a serem ditas que não foram ditas.

– Tem uma coisa que você não sabe – eu disse enquanto jantávamos na mesa da cozinha.

Ele olhou com tristeza para mim e, tenho certeza, pensou que havia muitas, muitas coisas que não sabia sobre mim. Coisas que talvez nunca fosse descobrir.

– A Ana Teresa tá grávida – continuei com um sorriso no rosto. – Você vai ganhar mais um neto... ou neta.

E então ele segurou a minha mão. Aquilo me deixou nervoso. Não foi apenas um aperto de mãos. Foi um toque. E foi assim que me senti: tocado. Tocado pelo meu pai. Tocado pelo cara que, por culpa minha, esteve ausente durante boa parte de minha vida. Percebi, pela primeira vez desde os meus vinte anos, que havia um vão enorme entre nós dois. Um abismo. E, antes que me desse conta, eu estava com lágrimas nos olhos.

– Droga – soluçei. – Como é que posso ser um bom pai se nunca consegui ser um bom filho?

Ele segurou a minha mão com mais força e disse:

– Você foi um bom filho... Somente até os dez anos, mas foi um bom filho...

Tive vontade de pedir desculpas. Mas já seria demais para aquela noite. E foi então que ele teve a idéia maluca de me levar de carro até Belo Horizonte.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:15 PM

Meu pai chegou em casa e perguntou se vou assistir ao jogo do Grêmio contra o Flamengo pela Copa Mercosul. A resposta, claro, foi sim. E ele ficou parado na porta do quarto. Por alguns segundos pensei que fosse dizer que iria ver o jogo comigo. Não seria ruim, mas ele não sabe nada de futebol.

– Que dia você tem que estar em Belo Horizonte? – perguntou.

– Não sei... Amanhã é o meu último dia no jornal... A princípio quero pegar o avião no sábado – respondi.

– Mas pode chegar mais tarde?

– Posso, claro, desde que eu esteja lá pra passar o Natal com a Ana Teresa.

– Então... Vamos juntos de carro.

Eu sabia que ele iria tocar no assunto. Mas eu ainda não tinha uma resposta.

– Vamos? – ele insistiu.

Olhei para ele como se estivesse perguntando os seus motivos. E acho que ele entendeu.

– Vamos – repetiu. – Vai ser melhor pro seu filho assim.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:04 PM

O Grêmio está entrando em campo. E eu ainda aqui, conectado neste blog. Na verdade, estou esperando um e-mail de Ana Teresa. Mas o que quero dizer é que todo mundo herda do pai o seu time de futebol. Eu não. Simplesmente escolhi o meu time. E nem ao menos sei se o meu pai torce um pouco que seja para o Grêmio.

É... Talvez seja melhor aceitar o seu convite.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:02 PM

Em vez do e-mail, um telefonema.

- Oi...
- Ih... O jogo vai começar.
- Que jogo?
- O jogo do Grêmio. Eu te falei sobre isso ontem.
- Ah...
- Mas a gente pode conversar um pouquinho...
- Até que você é...

Droga. O Flamengo já começou atacando.

- Pode repetir?
- Repetir o quê?
- O que você disse... Eu tava prestando atenção no jogo.
- Não disse nada...
- Tá...
- Me liga depois do jogo, então.
- Ligo.
- Só uma coisa: falou com o seu pai?
- Ainda não.
- Vai falar?

– Vou. Prometo.

Três minutos de jogo. Três ataques do Flamengo. Três gritos presos na garganta.

– Tem certeza, Eduardo?

– Certeza?

– Certeza de que quer vir pra cá, morar comigo, essas coisas...

– Por que esta insegurança agora?

Porra. Gol do Flamengo...

– Caralho!

– O que houve?

– Gol do Flamengo...

– Que pena...

– Não há de ser nada... Tá no começo do jogo ainda.

– O que você tava dizendo?

– Queria saber por que esta insegurança repentina...

– Você sabe, Eduardo, a gente não precisava ter casado...

– Mas eu quero estar casado com você...

- Eu sei... Só não sei se tá preparado pra isso...
- Por quê?
- Porque você é incapaz de resolver as coisas com a sua própria família...

Decido acabar com o papo.

- Depois do jogo eu te ligo. Tchau.

Ela me manda um beijo. E não diz que me ama, como sempre faz. Mas quem se importa com isso quando o seu time está jogando a semifinal da Copa Mercosul?

Posted by Eduardo Spitzer | 10:13 PM

Sexta-feira, Novembro 23, 2001

Adormeci depois que o jogo terminou. Dois a dois em pleno Maracanã. Empate fora de casa é quase uma vitória. Mas nem consegui comemorar direito. Estava muito cansado e acabei dormindo com a TV ligada e tudo. Aí o telefone tocou e era, claro, Ana Teresa. Murmurei algumas palavras, ela disse algumas coisas que não lembro agora, desligamos. Desde que descobrimos que está grávida, as nossas conversas não foram mais as mesmas. Não foram mais conversas... Apenas trocas de palavras. Às vezes simpáticas, às vezes ríspidas. Mas estamos tentando.

A questão é que estou apavorado. Todos os dias acordo suado. Olho fixamente para o teto e penso "caralho, vou ser pai". Como assim "pai"? Até ontem eu estava brincando de Playmobil aqui neste mesmo quarto e agora. E agora?

É verdade: e agora?

Posted by Eduardo Spitzer | 8:46 AM

Último dia na redação. Só espero que ninguém invente de fazer uma festa de despedida. Não quero beber demais. Em momentos confusos como este, pessoas como eu tem sérios chances de fazer bobagens quando bebem.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:51 AM

Depois de três anos praticamente casados, vivendo juntos no seu apartamento com decoração de boneca, dividindo contas e geladeira, em uma madrugada de domingo, Ana Teresa me acordou com o toque de seu pé esquerdo sobre a minha coxa, beijou a minha boca e disse, aos sussurros e sopros, que era para esquecermos a camisinha. Naquele mesmo dia, na hora do almoço, eu havia tocado no assunto "filhos" quando vi uma criança de uns dois anos de idade correndo por entre as mesas do restaurante. Você tem que concordar comigo: não existe nada mais "criança" do que correr pelas mesas de um restaurante. E então ficamos em um papo de "não sei", "será", "quem sabe". Mas sabia que ela ficara com a idéia na cabeça. Estava pensativa demais na fila do cinema, quase não disse nada enquanto preparava os nossos sanduíches para o jantar, deixou que eu ficasse trancado no outro quarto ouvindo música nos fones de ouvido. E, assim, tão de repente, tão Ana Teresa, ela me acordou de madrugada e mostrou, através de sua boca molhada e seus olhos brilhando, que era, naquele momento, uma fêmea no cio. Aceitei ser o seu macho. E quando terminamos ela disse:

– Tô grávida.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:58 AM

Pedro, o meu editor-chefe, acabou de descobrir que aderi à febre dos blogs. Perguntou se pode ler. Respondi que por enquanto é segredo. Ele encheu o meu saco até eu dar o endereço na web. Consigo vê-lo, lá em sua sala, comendo um bauru, com os olhos fixos na tela do computador.

Estou tão nervoso que até perdi a fome.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:11 PM

Pedro enviou um e-mail.

spit,

nunca pensei que fosse tão divertido ler o diário dos outros. quero mais. posso enviar o link pro resto do pessoal?

abraços,

p.

ps: ei! a ana sabe disso?

Como assim enviar o link para o resto do pessoal?

Ele está louco?

Ou será que... Bom, deixa para lá, estou com fome, ainda não almocei, vou ao McDonald's e já volto.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:33 PM

Óbvio que vai ter festa de despedida. Uma cervejada na Groove. Então, tá. Espero estar vivo amanhã para poder escrever tudo o que aconteceu.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:49 PM

Pela terceira vez peço demissão do jornal. Na primeira, quando ainda trabalhava no copidesque, saí para uma excursão maluca com uma banda de covers que montei com alguns amigos. Amigos, aliás, que estão espalhados pelo mundo. Mas eu fiquei. E voltei para a redação como crítico de música em uma época onde a música era tudo para mim. Depois de um tempo, caí fora para ir a Londres em busca de uma menina que não via desde os meus quinze

anos de idade. O nome dela? Ana Teresa. E o que aconteceu? Voltei para Porto Alegre, em alguns meses comecei a namorar Ana Teresa e a música começou a não ter toda aquela importância de antes. De qualquer forma, Pedro, o meu eterno patrão, me aceitou de volta e comecei a escrever sobre outros assuntos. Nada demais. Até porque o jornalismo era apenas uma forma de ganhar a vida escrevendo, já que a carreira de escritor e roteirista de cinema havia ido para um porão escondido no meu cérebro. Agora, vou embora mais uma vez e tenho esta estranha sensação de que não vou voltar.

Acabo de arrumar as minhas coisas – cds, discman, revistas, livros e uma foto de Ana Teresa na Grécia – em uma mochila e daqui a pouco vou para casa. Preciso tomar um banho. E não é apenas porque quero estar apresentável na minha festa de despedida: no banho, as lágrimas se confundem com a água do chuveiro.

Mas chega de dramas.

É hora de dar log out.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:41 PM

Sábado, Novembro 24, 2001

É sempre assim...

O Papai Noel canta uma música ao piano. Todos em volta da árvore de Natal, esperando os seus presentes e o bom velhinho de olhos fechados, concentrado em uma melodia que, por mais que tente, não consigo lembrar. Pelo menos não quando acordo deste sonho que me persegue há uns dez anos, sempre quando o Natal se aproxima. Porque quando estou sonhando, pareço feliz, com os olhos brilhando, acompanhando a melodia com la-la-ás e tchu-ru-rus enquanto todos os meus primos estão aborrecidos, desesperados para abrirem logo os seus presentes. Mas, hoje, a velha canção do Papai Noel foi interrompida pelo som do meu telefone celular. Aos poucos, fui abrindo os olhos, recuperando os sentidos até que, de repente, ouço uma voz feminina muito perto de mim perguntar:

– Não vai atender?

Putá que pariu, pensei. Putá que pariu, puta que pariu, puta que pariu. O que aquela voz feminina estava fazendo perto do meu ouvido? Fiquei tão atordoado

que deixei o celular tocando e tocando e tocando. Afinal, eu sabia quem estava telefonando.

A dona da voz feminina, que logo descobri que era Patrícia, a editora de moda com quem tive um caso há uns cinco anos, disse com um jeito sonolento:

– Ah, parou... Vem pra cama, vem...

Mas eu sabia que Ana Teresa iria ligar de novo. Olhei para o relógio, onze e meia da manhã, levantei com pressa e fui, nu e tudo, para dentro do banheiro. E se passaram uns cinco minutos. Era óbvio: ela estava tentando ligar para a casa do meu pai. Rezei a Deus para que ele também não estivesse por lá. No meio do meu primeiro Pai Nosso, o celular tocou.

– Tá onde? – perguntou com a voz irritada.

– Como assim tá onde? – desconversei.

– Ligo pro teu celular, você não atende, ligo pra tua casa e não tem ninguém...

Ufa. Obrigado Senhor, pensei.

– Tô... Tô numa casa lotérica – disse e me arrependi em poucos segundos.

- Casa lotérica, Eduardo?
- É... – eu precisava inventar uma desculpa urgente. – Casa lotérica, ué. Vim fazer umas apostas antes de ir pra Belo Horizonte...
- Apostas? Você? – Ela tinha toda razão em estar desconfiada, afinal, no tempo todo em que estivemos juntos, eu nunca havia feito um jogo sequer. Nem um simples rifa eu comprara.
- É... Apostas, ué. Sei lá, pensei em arriscar. Sabe como é, tamos trocando de cidade, vamos ter um filho e você sempre quis conhecer o Taiti – falei na maior cara de pau.

Ela ficou em silêncio durante um tempo. Até que disse:

- Que bonitinho... Pode fazer um jogo por mim? Anota os números.

Mentalizei com toda a força do mundo os números que falou, me despedi, sentei sobre o bidê do banheiro e, antes que entrasse em desespero de tanto arrependimento, tentei lembrar onde ficava a casa lotérica mais próxima do apartamento de Patrícia.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:46 PM

Acabo de receber uma mensagem no celular. Vinte pessoas morreram e mais de cem ficaram feridas em um incêndio numa casa noturna de Belo Horizonte. Apesar de saber que Ana Teresa está bem, intacta e etc, dá uma vontade danada de telefonar para ela. Mas a minha consciência está tão pesada que sou capaz de fazer outra bobagem.

Sou capaz de contar a verdade para ela.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:51 PM

Em momentos como este, o melhor é consultar o meu oráculo John Lennon. E o que ele me disse hoje...

When I hurt you and cause you pain

Darlin I promise I won't do it again

Aisumazen aisumazen Yoko

Ah, "aisumazen" significa desculpe em japonês.

Posted by Eduardo Spitzer | 2:04 PM

Pense comigo: se um homem vive em média setenta anos, significa que aos vinte e nove ele ainda não fez nem metade das bobagens de sua vida? Porque

eu, bem, só faço bobagens. E tenho medo de que continue fazendo. Tudo bem, até que nos últimos anos estava me comportando direito. Nunca pensei em ficar com nenhuma outra mulher além de Ana Teresa. Ok, tive os meus suspiros pela barriga da Britney Spears, o que mostra que estou ficando velho mesmo, afinal, não existe nada mais “velho” do que prestar atenção nas adolescentes. Mas fora a Britney e a sua barriga, ninguém, a não ser Ana Teresa, me atraiu.

E, porra, consegui conviver com a Patrícia todos estes anos, apesar da gente ter tido um relacionamento baseado apenas em sexo, e logo agora que estou casado, grávido e prestes a começar uma vida nova, faço uma bobagem deste tamanho.

– Bebemos demais – Patrícia disse enquanto eu me vestia. E, pela sua cara, consegui perceber que estava arrependida, sem jeito, triste pelo o que tinha acontecido. – Desculpa, tá?

– Não, não desculpo – falei com uma certa irritação. – Você não deveria ter deixado isso acontecer.

– Putz, Spit, até parece que a culpa é só minha...

– Quem começou?

– Não lembro...

– Só lembro que a gente dançou e...

Ah, não, dançar não.

– Ah! Me conta outra! Odeio dançar!

– Mas você dançou comigo.

– Dancei nada.

– Dançou sim. E tava, hummm, sexy.

– Sexy? Eu?

Na verdade, sexy estava ela, ali deitada na cama, com o lençol cobrindo apenas parte de seus seios... Droga, comecei de novo.

– Caralho! Sou um homem casado! E vou ser pai!

Patrícia não sabia deste detalhe. Ela levantou, sentou na cama, o lençol caiu.

– O quê? A Ana tá grávida? Você não me contou isso...

– Só a minha família sabe, por enquanto... – resmunguei e logo pedi: – E não fica assim nua na minha frente – falei enquanto jogava uma camiseta para ela.

Mas ela não vestiu. Apenas falou a verdade:

– Spit, você é muito cafajeste.

Abri os braços, como se concordasse com aquela afirmação.

– E não põe a culpa na bebida – ela disse. Depois saiu da cama e se trancou no banheiro. Lá de dentro, gritou: – Vai embora, vai!

– Mas quem falou em bebida foi você!

– Não interessa, vai embora!

Pude notar que ela estava chorando.

– Você tá chorando? – perguntei.

– Tô nada, vai embora. – Ela respondeu soluçando.

– Desculpe, você sabe que gosto de ti e tal, mas amo Ana Teresa – falei sem a mínima modéstia, afinal de contas, ela havia dito que eu era sexy.

– Seu filho da puta! – gritou novamente. – Eu tô chorando pela Ana Teresa! Coitada! Se você ama mesmo a tua mulher, some daqui e dá um jeito na tua vida.

E foi o que fiz. Mas antes, claro, passei numa casa lotérica.

Posted by Eduardo Spitzer | 2:14 PM

Confesso. Estou viciado. E é em escrever neste blog, se é que você me entende.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:00 PM

O problema é que não existe você.

Até agora só o Pedro sabe que nos últimos dois dias passo boa parte do tempo escrevendo aqui.

A questão é: devo confiar no Pedro?

Posted by Eduardo Spitzer | 10:01 PM

O que eu fiz nas últimas horas...

Liguei setecentas e noventa e nove vezes para Ana Teresa. Liguei para dizer que a amo. Liguei para perguntar se ela já tinha almoçado. Liguei para perguntar o que ela havia almoçado. Liguei para falar “nada não, só queria ouvir a sua voz”. Liguei para saber se ela estava enjoada. Liguei para saber se ela tinha visto o casal se beijando no Programa Livre com a Babi. Liguei para

falar que só vi o Programa Livre porque estava zapeando. Liguei para chorar de saudades. Mas, você sabe, o choro na verdade era de arrependimento.

Quando comecei a ficar com saudades do blog, inventei que queria ver Casa dos Artistas e me conectei à internet. Antes de parar no Blogger, naveguei por outros blogs por aí. Puxa... Ainda tenho muito a aprender.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:12 PM

Bel, um dos meus melhores amigos, ligou me convidando para beber algumas cervejas. Uma espécie de despedida, segundo ele. Recusei.

Esta noite vou me dar umas quinhentas chibatadas.

E ligar mais umas oitocentas vezes para Ana Teresa.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:20 PM

Aliás, acho que nunca mais vou beber na minha vida.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:21 PM

Domingo, Novembro 25, 2001

– Aaaaaaaaaaaaaahhhh.

(Este aí em cima sou eu sentindo um alívio depois de um dia longe do blog. Isto aqui é um vício.)

Posted by Eduardo Spitzer | 9:24 PM

De madrugada, ainda com um peso de duas toneladas na cabeça, liguei para Ana Teresa.

– Oi, amor – eu disse, enfatizando o “amor”.

– Oi – ela respondeu com a voz normal.

Normal? Ué, ela não estava dormindo?

– Tá acordada?

– Ahã–ahã...

– Ainda?

– Vendo um filme na TV.

- Ah...
- E você?
- Não consigo dormir... Tô pensando na gente.
- Pensando?
- Olha... Eu...
- Você?

Era isso. Finalmente eu tinha arranjado uma forma de tentar diminuir as duas toneladas na minha consciência.

- Eu vou falar com o meu pai amanhã.
- E?
- E vou dizer sim – falei decidido. – Nós vamos juntos pra Belo Horizonte. Só nós dois.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:30 PM

O plano era um churrasco de despedida na casa do meu irmão, mas consegui convencer o meu pai a almoçar apenas comigo. Até a chegada dos refrigerantes, nós dois ficamos em silêncio. É estranha esta sensação de não ter o que falar com um dos responsáveis por você existir, principalmente quando lembro que ele vivia dizendo que eu era o melhor amigo dele quando eu era

criança. E aquele “você é o meu amigão” ficou batendo na minha cabeça enquanto o silêncio se arrastava pela mesa do restaurante.

– Pai... – resolvi quebrar o silêncio. – Queria saber por que...

– Por que eu quero fazer esta viagem contigo? – ele perguntou.

Fiquei sem jeito. E esta foi a minha maneira de responder que sim.

– Você é um menino inteligente – disse ele. – Deve saber por quê.

– Não... Não sei – menti.

– Sabe sim.

– Tenho os meus palpites.

Ele pegou um cigarro. E ofereceu um para mim. Desde os quinze anos fui um fumante, mas sempre escondi de meu pai. Era claro para mim que ele sabia, mas nunca consegui fumar na frente dele.

– Tô tentando parar de fumar – disse. – Sabe como é... A Ana Teresa... O nosso filho... Essas coisas...

– Sei... – respondeu ele ao acender o cigarro. – Também pensei em parar quando você nasceu...

Aquela era uma informação nova.

– É... Mas não parou...

– Desculpa...

Desculpa? Isso sim é que era informação nova.

– Olha, Eduardo, não quero que a gente fique neste silêncio pro resto da vida.

– Nem eu.

– E então?

– Tudo bem, vamos juntos pra Belo Horizonte.

Ele sorriu. E aquele sorriso, de um jeito mais humano e menos pai, também era uma informação nova.

– Posso te dizer uma coisa? – perguntei antes de pedir a conta. – É que... Não sei se vou conseguir me aproximar tanto de você... Afinal... Hummm... São muitos anos...

– Mas, Eduardo, esta viagem não é pra você se aproximar de mim... Eu é que vou me aproximar de você – ele disse sorrindo novamente e aquele sorriso me

lembrou que Ana Teresa era a responsável por aquilo tudo e, assim, me senti muito mais culpado.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:40 PM

O Grêmio perdeu de dois a zero para o Atlético Mineiro em Belo Horizonte.

Levei esta derrota como mais uma forma de punição.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:42 PM

Hoje à noite vou dar uma última volta por Porto Alegre. Amanhã eu e meu pai pegamos a estrada. Quando soube da notícia, Ana Teresa me deu parabéns.

Vai ser cafajeste lá na puta que pariu, Eduardo Spitzer.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:51 PM

Observação estúpida: nestes dois dias, só não chorei mais do que a Mari Alexandre.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:54 PM

Segunda-feira, Novembro 26, 2001

fala, spit

a primeira coisa que fiz quando cheguei na redação foi ler o teu blog. e tenho apenas duas coisas pra te dizer:

- 1. vc é muito filho da puta pra trair tua esposa daquele jeito;*
- 2. vc é muito burro pra contar tudo no blog.*

o bom de tudo isso é que descobri pq a patricia tá de cara amarrada.

vê se liga antes de viajar.

abraços.

p.

Puxa, como é bom acordar com um e-mail desses.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:06 AM

É verdade. Talvez eu seja muito estúpido por estar escrevendo detalhe por detalhe tudo o que tem acontecido na minha vida. Poderia apenas jogar aqui as minhas idéias, os meus gostos, os meus desgostos. Ou, quem sabe, fazer deste blog um cemitério de ficções. Mas, devo confessar, o formato "diário" exerce uma atração enorme sobre mim. Sou como aqueles quase famosos da Casa dos Artistas que, mesmo sabendo que existem câmeras e microfones, mostram os seus estratagemas, os seus corpos semi-nus, os seus defeitos. A diferença é que, por enquanto, há apenas uma pessoa com o olho na fechadura. Por enquanto...

Posted by Eduardo Spitzer | 11:11 AM

Ok, então o meu pai quer se aproximar de mim. Para isso, ele precisa ouvir e entender o meu oráculo John Lennon. Então, montei o set list de nossa viagem.

A saber...

Plastic Ono Band

Imagine

Mind Games

Walls & Bridges

Double Fantasy

Anthology (box set com 4 cds)

Posted by Eduardo Spitzer | 11:13 AM

Porto Alegre é nacionalmente conhecida pelo frio. Todo mundo acha que a cidade possui um dos invernos mais rigorosos do Brasil. Mas ninguém fala do verão. Além da temperatura beirando os quarenta graus centígrados, há ainda a maldita umidade. Você fica todo suado, grudento, é um nojo só. Não é à toa que eu só faço bobagem no verão. Este calor torra com os meus neurônios. Tomara que em Belo Horizonte o verão seja bem diferente.

Posted by Eduardo Spitzer | 3:29 PM

Por que, afinal, ficou institucionalizado que a gente deve passar o Natal com a família? Eu e Ana Teresa sempre tivemos que ficar de uma lado para o outro da cidade na passagem do dia 24 para 25 de dezembro. E o pior é que éramos obrigados a comer a ceia duas vezes, senão as nossas famílias entravam em crise.

Pois bem, agora a família dela não gostou da idéia da gente passar o Natal sozinhos em Belo Horizonte. E a minha está me trucidando porque o meu pai vai viajar junto comigo. Falei que, se ele quiser, pode voltar antes. Mas parece

que ele quer ficar por lá. Se ficar, vai ser, no mínimo, um Natal diferente. A minha pergunta é: será que desta vez eu descubro qual é música que o Papai Noel fica cantando ao piano?

Posted by Eduardo Spitzer | 3:39 PM

Todos os meus amigos vivem dizendo que acham o Natal deprimente. E todos passam com as suas respectivas famílias. É meio lógico, não?

Posted by Eduardo Spitzer | 3:40 PM

Um dia, prometo, vou plantar raízes em outro alguém. Vou fazer de seu corpo o meu lugar, a minha cidade, o meu lar. E vou conhecer cada movimento, cada sorriso, cada nuance como conheço todas as esquinas do bairro Petrópolis em Porto Alegre. Vou ter aquela sensação confortável de se sentir em casa, como acontece quando o avião pousa no Aeroporto Salgado Filho, toda vez que sentir o seu abraço. E vou deixar um pedaço de mim para trás se por acaso nos separarmos. Um pedaço de mim, sim. Como este pedaço que hoje deixo em Porto Alegre.

Já tenho a cidade que me tem.

E a mulher?

Talvez eu a tenha... E talvez eu seja muito burro para perceber isso.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:04 PM

Alguém quer saber como está o tempo em Florianópolis?

Amanhã eu conto.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:00 PM

Ana Teresa ligou para desejar boa viagem e, quando ficou sabendo que a trilha sonora da estrada seria John Lennon, disse que o melhor era começar com algo mais "agitadinho". Tentei não levar para o lado pessoal e aceitei a sugestão dela.

– Leva aquele disquinho azul do Teenage Fanclub...

Uau. Ela já está gostando de Teenage Fanclub.

Como fui capaz de trair uma mulher dessas?

Posted by Eduardo Spitzer | 6:08 PM

Songs From Northern Britain. É este o nome do disco do Teenage Fanclub que a Ana Teresa sugeriu. Se é que isso lhe interessa.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:09 PM

Terça-feira, Novembro 27, 2001

Mudança de planos. Meu pai disse que vamos passar uns dias em Florianópolis. Quando quis saber os motivos, ele saiu com aquela frase típica de pai "é para o seu bem". É... Tem coisas que não mudam.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:57 AM

Florianópolis sem sol e meu pai terminando de se vestir. Só me resta ficar aqui no notebook blogando um pouco. Mas a verdade é que estou curioso. Meu pai disse que vamos dar uma volta. Nem perguntei nada a respeito. Afinal, sei que vai ser para o meu bem.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:03 PM

Camarões! Camarões! Camarões!

Existe coisa melhor do que camarões?

Sim. Existe: camarões baratos.

Venham já para Florianópolis.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:26 PM

Meu pai acelerava o carro em direção à Canasvieiras, a praia de Florianópolis predileta dos turistas argentinos, e o silêncio no carro começava a ficar constrangedor. Durante o começo da viagem, ainda no Rio Grande do Sul, a falta de assunto ainda era suportável. Até porque coloquei Teenage Fanclub em um volume suficientemente alto e depois cochilei um pouco. Mas hoje de manhã foi diferente. Simplesmente parecia que eu e meu pai éramos dois desconhecidos. Foi então que tentei disfarçar o constrangimento colocando um CD do John Lennon. Comecei pelo Imagine, sabe como é, era impossível ele deixar de reconhecer a faixa título e, quem sabe, se sentiria melhor. E eu estava certo. Ele reconheceu a música. A surpresa é que, por causa disso, um diálogo começou.

- Você sabe por que gosta tanto assim de John Lennon?
- Ora, pai, todo mundo gosta de John Lennon. Você mesmo deve ter gostado de Beatles.
- Um pouco... Sempre gostei mais de Roberto Carlos.
- É... Eu lembro. Todo final do ano você comprava o disco dele.
- E você adorava.
- Ainda gosto de algumas coisas do Roberto...

- Mas você não respondeu.
- Quer saber por que eu gosto tanto de John Lennon?
- É.
- Sei lá... Talvez porque tenha sido um dos primeiros cantores de rock que ouvi, quando tinha uns oitos anos... E depois que conheci melhor o trabalho dele, a vida dele, acho que ele acabou se tornando uma espécie de... herói.
- Herói?
- Sim, um herói.

Logo depois de eu dizer isso, o meu pai parou o carro perto da praia. Em silêncio, desligou o aparelho de som. E com uma certa expressão de decepção, disse:

- Era pra eu ser o seu herói, Eduardo...

Fiquei sem saber o que fazer. Comecei a brincar com a caixa do CD do John Lennon enquanto ele repetia:

- Eu...

Posted by Eduardo Spitzer | 7:46 PM

Quando você decepciona os seus pais parece que uma parte sua não está lhe aceitando.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:54 PM

E Ana Teresa telefonou agora à noite para dizer que o bebê havia chutado a sua barriga. Não estou muito convencido que com menos de dois meses de vida um embrião tenha pernas, mas fiquei emocionado mesmo assim.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:37 PM

E então, enquanto caminhávamos pela beira da praia, ele acendeu um cigarro e contou que, durante todas as férias, a minha família costumava ir para Canasvieiras. Isso antes mesmo de eu nascer. E falou que, quando os meus dois irmãos já estavam com quase dez anos de idade, lá foram os Spitzers passar mais um verão em Canasvieiras. Só que desta vez a minha mãe esqueceu de levar a sua cartela de pílula anticoncepcional. É... Como você pode ver, a fábrica estava fechada. Mas, sabe como é, era Carnaval e nem os meus pais que são pais (e para nós pais não trepam, pelo menos não para mim) resistiram.

– Foi aqui, Eduardo, que tudo começou – ele disse ao terminar de contar a história.

– Putz... E isso foi há vinte e nove anos... Como você se lembra? – perguntei.

Ele riu. Olhou para mim de um jeito que, acho, não me olhava desde os meus dez anos de idade.

– Eu lembro do teu primeiro sorriso, do teu primeiro xixi... Lembro de muita coisa... Muito mais do que você imagina...

– Como?

– Sou teu pai, oras...

Peraí. Rewind. Meu pai olhou para mim de um jeito que, tenho certeza, eu não me deixava ser olhado desde os meus dez anos de idade.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:56 PM

E depois jantamos... Camarões. Muitos camarões.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:59 PM

Só mais uma coisa antes de eu sair do blog: se fui gerado em Florianópolis... Eu tenho um pouco de catarinense?

Putz. Logo eu que tinha tanto orgulho de ser 100% gaúcho.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:02 PM

Voltei.

O fato é que esta conversa toda com o meu pai e o tal chute de meu filho me fizeram pensar ainda mais no que fiz. Se você não lembra, eu traí Ana Teresa, minha esposa e mãe de meu filho, há pouco mais de 48 horas. E estou aqui no notebook porque queria enviar um e-mail de desculpas para ela. Porque não tenho forças para ligar e ouvir a sua voz e o seu choro emocionado por causa do bebê. Será que existe uma forma de pedir desculpas e ser desculpado sem contar a verdade? Pedro, se você continua lendo este blog, sabe como faço isso? Já traí outras vezes e, depois do ato consumado, sempre pareceu que a vida continuava. Que eu tinha uma escolha: ou ficava com a mulher que traí ou com a mulher com quem traí. Era simples. Poderia até ficar sozinho. Mas eu tinha escolha. Agora não. Eu sei o que fiz, me responsabilizo pela bobagem, mas não tenho escolha. Eu quero e preciso ficar com a Ana Teresa. Será que cheguei a esta conclusão pelos meios errados? Será que é tarde demais? Será que, além de decepcionar o meu pai, já decepcionei o meu próprio filho?

Posted by Eduardo Spitzer | 11:24 PM

Quarta-feira, Novembro 28, 2001

De novo sonhei com o Papai Noel cantor. Acho que preciso de uma sessão de regressão.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:48 PM

Cinco ligações para o escritório de Ana Teresa em Belo Horizonte e nada. Reunião, reunião, reunião.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:54 PM

– Oi. Você ligou para Ana Teresa. Deixe o seu recado. Obrigado.

– Oi... Sou eu de novo... Parece que o dia de hoje só teve reuniões, né? Liga pra mim. Beijo.

Odeio secretária eletrônica.

Odeio mesmo.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:16 PM

É, acho que o Pedro anda lendo mesmo este blog...

spitman

tudo bem? como tá floripa?

cara... não sei o que te dizer. até agora não entendi direito como vc foi capaz de trair a ana. puxa... vcs sempre foram tão apaixonados! só tenho um conselho: se quer mesmo ficar com ela, não conte a verdade. vc vai machucá-la sem necessidade. então, me faz um favor: tira já do ar o blog! até pq vamos fazer uma matéria sobre blogs e tô pensando em colocar o teu nome na pauta.

:)

abraços. e liga se precisar de uma força a mais.

p.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:21 PM

Por que tirar o blog do ar? É só você que o lê, Pedro.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:22 PM

Estranho. Hoje Ana Teresa não me ligou durante o dia. E ela estava simplesmente incomunicável. Reunião atrás de reunião. Bateu um certo desespero, claro, mas o que eu realmente queria era poder vê-la. A sua voz não era suficiente. Apenas queria – e quero – poder sentir a sua presença. Sentir mais uma vez aquele olhar que me capturou quando era ainda um adolescente. Um olhar tão forte, tão decidido, tão intimidador. Porque perto dela eu não tenho defesas. Simplesmente caio. Desabo feito um prédio que acaba de ser implodido.

À tarde, em um momento quase histérico, disse para o meu pai que iria pegar um avião.

– Que é isso, Eduardo, ela só tá trabalhando...

– Não, você não entendeu.

– Entendi sim... Mas pensei que esta viagem seria nossa.

– E é.

– Então?

– Então o quê?

– Fica calmo. E, olha, estava pensando em ficar mais uns dias por aqui. Eu nunca falei isso pra ti, mas acho que você precisa de umas férias. Vamos ficar aqui até sábado...

- Sábado?
- A Ana está bem. Não se preocupe.

Sábado? Ficar até sábado aqui?

– É... Ela tá bem sim – concordei, afinal, em quase trinta anos de vida era a primeira vez que ouvi o meu pai mostrar que também se importava comigo. E ele tem razão: eu preciso de férias.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:56 PM

Hoje quem disse as palavras certas, por incrível que pareça, não foi o meu oráculo John Lennon.

*When you sit down and start thinking
something important seems to be missing
do you feel like your whole world is coming down?*

Foi ao som de 9th Floor da banda Superphones que eu fiquei aqui escrevendo. Esta música já entrou para o meu Top 30 de todos os tempos. E, por incrível que pareça, a banda é gaúcha. Mas poderia estar tocando tranquilamente na BBC de Londres.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:09 PM

E ela não atende o telefone.

E o meu mundo vai caindo.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:11 PM

Agora na janta disse para o meu pai que a Ana Teresa ainda não havia dado sinal de vida. E sabe o que ele disse?

– Por acaso você fez alguma coisa, meu filho?

Posted by Eduardo Spitzer | 11:37 PM

E então Ana Teresa atende ao telefone.

– Oi! Finalmente!

– Oi...

Existe algo diferente em sua voz.

– Aconteceu alguma coisa? Já tava preocupado...

- Muito trabalho.
- Só isso?
- Só.
- Tem certeza?
- Tenho.

Aconteceu alguma coisa. Posso sentir.

- A gente vai ficar mais tempo em Floripa...
- Tudo bem.

Tudo bem? E o “ah, Eduardo, tô com saudades”?

- Tem certeza que tá tudo bem?
- Tenho...
- Mas...
- Tô cansada. Podemos falar amanhã?

Puta que pariu. É só o que tenho a dizer: puta que pariu.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:52 PM

Só me resta torcer para que o Corinthians não vá para a final da Mercosul.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:52 PM

Quinta-feira, Novembro 29, 2001

Ela, que é de tantas palavras, emudeceu sem avisar. E eu passei a noite em claro tentando encontrar um motivo. Mas desta vez nem o mar – que sempre me acalmou – foi capaz de me deixar mais tranqüilo. Os cigarros começaram a encher o cinzeiro, o discman foi comendo as pilhas, as canções já não me diziam muita coisa. Talvez eu e Ana Teresa chegamos a um estágio onde é quase impossível esconder uma coisa do outro. Será que é isso que as pessoas chamam de intimidade? Se for, não é de se admirar que muita gente tenha medo de se abrir, se entregar, se dividir. E, assim, fui remoendo hipóteses e teses. Meu pai falou que pode ser a gravidez, afinal, segundo ele o humor de minha mãe também teve altos e baixos enquanto esperava eu e meus irmãos. Faz sentido. Mas por que Ana Teresa não divide as suas angústias comigo? Ora, eu também estou confuso com esta história toda de filho, também preciso conversar com alguém, também sinto que quero fugir. Puxa, se a Ana Teresa agir como agi por causa de tanta insegurança, é bem capaz que eu seja um marido traído.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:36 PM

A diferença é que Ana Teresa tem vinte e oito anos e age como quem tem vinte e oito anos.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:39 PM

A última vez que vi o sol nascer, acho, foi ao lado dos meus amigos mais próximos. Uma turma de complicados que mais complicavam a vida, com os seus vinte e poucos anos. Amigos que me ajudaram a passar por poucas e boas, mas que, de repente, já não estavam mais ao meu lado. Agora, mantenho contato com um de cada vez. Não existe mais a turma, não existe mais o "clube dos corações solitários", não existe mais bebedeiras em grupo. Hoje, somos jovens adultos, casados, responsáveis, mas com uma dificuldade enorme para assumir que somos adultos, casados, responsáveis e nem tão jovens assim.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:42 PM

Como diria Badly Drawn Boy...

Soleil all over you, warm sun pours over me

soleil all over you

warm sun

Posted by Eduardo Spitzer | 12:46 PM

Então eu dormi.

E acordei para contar tudo isso para você.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:48 PM

Meu pai me acordou lá pelas três horas da tarde. Pensei que ele fosse me convidar para mais um passeio, para mais uma conversa, para mais uma revelação. Mas era Ana Teresa ao telefone.

– Olha... – a voz dela não era boa. Parecia que iria chorar. – Acho melhor você não vir mais pra cá.

O quê? Eu estava ouvindo bem?

– Você é muito burro, Eduardo Spitzer, muito burro...

A coisa era séria, pensei. Ana Teresa só usava o “muito burro, Eduardo Spitzer” em casos extremos.

– Ana... – tentei dizer.

– Esquece... Eu sei de tudo... Não liga mais pra mim – e desligou o telefone.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:43 PM

Sim. Eu sou muito burro.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:45 PM

Como não adiantava mais ligar para Ana Teresa já que ela nunca atendia, resolvi vir para o notebook e escrever um e-mail todo choroso e apaixonado. Provavelmente não iria adiantar nada, mas eu precisava fazer alguma coisa. E foi então que li o e-mail do Pedro.

spit

fodeu tudo. fodeu. fodeu. fodeu. só não te liguei pra avisar pq tô com medo que vc me bata por telefone. o negócio é o seguinte: na terça, sem querer, enviei um dos seus e-mails pro telmo do esportes. e ele leu o teu blog e mandou o link pra deus e todo mundo aqui no jornal. só fiquei sabendo hoje. a patricia recebeu o link e ficou puta da cara. veio me xingar e tudo o mais. e o pior é que a silvinha do comercial tb leu. e ela estudava inglês com a ana. e... o resto vc já deve saber. a ana leu o teu blog. fodeu.

desculpa, cara.

abraços e boa sorte.

p.

O que isso significa? Que você está lendo esta mensagem, Ana? Por favor, fale comigo. Por favor...

Posted by Eduardo Spitzer | 7:55 PM

Bom... É isso.

Este blog entrou em recesso por tempo indeterminado.

(Mas não custa nada voltar aqui amanhã.)

Posted by Eduardo Spitzer | 7:57 PM

Sexta-feira, Novembro 30, 2001

Ana Teresa descobriu tudo.

Grêmio desclassificado na Copa Mercosul.

George Harrison se foi.

Tenho até medo de pensar no que mais pode acontecer.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:02 PM

Viram? O blog está de layout novo. Cortesia da minha amiga Mel.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:07 PM

E cinza porque cinza são os dias deste verão.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:08 PM

E então eu fiquei a noite toda ligando para Ana Teresa. Nem assisti ao desastre que o foi o jogo do Grêmio contra o Flamengo. E ela não atendeu a porcaria do telefone. E o pessoal do flat já queria me matar. E o meu pai veio conversar

comigo porque estava ficando preocupado. Conteí tudo e, acredito, foi a primeira vez na vida que falei sobre coisas íntimas com ele. Pensei que fosse me dar um sermão – e, convenhamos, eu até que merecia – mas ele apenas disse que era melhor dormir e esperar o dia de hoje.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:58 PM

E o dia de hoje.

Bom, acordei com a notícia da morte do George Harrison e fiquei paralisado. O meu beatle predileto sempre foi o John Lennon, mas guardava um carinho especial pelo autor de Something e While My Guitar Gently Weeps. Imediatamente pensei em passar o dia todo ouvindo o All Things Must Pass e, então, lembrei que Ana Teresa havia decidido nunca mais falar comigo. Só que sou um cara insistente. Muito insistente. Liguei logo cedo para o flat. E desta vez alguém atendeu.

– Alô? – puta que pariu. Eu conhecia aquela voz. E isso significava que a coisa estava séria mesmo.

– Dona Marta? – disse assustado. – É você?

– Dudu... Você não deveria estar ligando...

Sim. A Ana Teresa pediu para a mãe viajar a Belo Horizonte. Minha sogrona querida, amiga, a única pessoa no mundo que me chama de “Dudu”. Sem ironias. Eu adoro esta mulher.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:06 PM

Dona Marta parecia não acreditar no que o seu querido Dudu tinha feito.

– Eu estou muito, muito decepcionada – é, parece que a minha especialidade é decepcionar as pessoas. – É verdade tudo isso? Você não pensou no seu filho? Você não pensou no amor da Aninha?

– Dona Marta, sei que pisei na bola... Mas me deixa falar com a Ana Teresa, por favor – pedi com a voz cheia de vergonha.

– Ela não quer falar com você – ela disse com a voz firme. De repente, ouvi Ana Teresa falar alguma coisa. – Peraí... Ela quer falar com o seu pai.

– O quê? Com o meu pai?

Aquilo só poderia ser uma brincadeira.

Mas não era.

– É sério, Dudu, a Aninha quer falar com o seu pai.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:19 PM

Sempre tive certeza de que Ana Teresa era a mulher. Sempre. Desde o dia em que ela me desafiou, quando eu tinha os meus quinze anos de idade, dizendo que Echo & The Bunnymen era muito chato. Demorou anos para que eu enxergasse a verdade, mas um dia as coisas ficam mais claras. E as coisas ficaram mais claras alguns meses depois que nós nos reencontramos e começamos a namorar. Para falar a verdade, tudo se encaixou mesmo no dia em que a vi conversando horas e horas com o meu pai. Era como se eles fossem grandes amigos. Talvez exista uma explicação psicológica por trás disso, mas o fato é que fiquei feliz ao ver que finalmente conhecera uma mulher que poderia fazer parte da minha família. Minha, entende? Não é uma questão de aprovação ou coisa parecida. É apenas uma sensação de... encaixe, como já disse antes. Tudo estava encaixado. Mas, pelo jeito, não sou uma pessoa que gosta de ver tudo no seu devido lugar.

Sou um cara que gosta de bagunça. E não acho isso nada engraçado.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:28 PM

Depois de horas e horas ao telefone, meu pai acendeu um cigarro, pediu para eu sentar e disse:

– É triste dizer isso, mas tem vezes que eu penso que deveria ter mimado você menos. Mas é assim com os caçulas, não é mesmo? Olha, a Ana quer que a gente viaje com calma até Belo Horizonte...

– Não! – interrompi. – Vou pegar um avião hoje.

– Senta e escuta, Eduardo – ele disse com voz de pai. – Nós vamos viajar parando de cidade em cidade, conversando, nos conhecendo mais. É isso que a Ana quer. E ela também quer ficar um tempo sozinha, pensando, sem falar contigo. A partir de hoje, você vai fazer o que eu mandar, entendeu?

Como assim fazer o que ele mandar? Eu tenho vinte e nove anos, pelo amor de Deus!

– Por que devo te obedecer? – perguntei cheio de confiança.

– Por quê? – ele falou com calma. – Ora... Porque de agora em diante a Ana só vai falar comigo.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:36 PM

E é por Ana Teresa falar apenas com o meu pai – pelo menos até segunda ordem – que eu decidi continuar com este blog. Porque conheço a minha esposa. Ela não vai resistir. Ela irá acessar esta página. E agora que existe você do jornal, você que é meu amigo, você que é amiga da Ana Teresa, você que é

a própria Ana Teresa, você que é apenas um curioso, agora que existe você, quero que saiba tudo. E não vou apagar os arquivos antigos.

Afinal, faz parte do processo de crescimento assumir os erros.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:40 PM

Então, Mel, uma preciosa amiga que ganhei ano passado, escreveu. E ela, como sempre faz, não me julgou. Apenas disse que o blog merecia um layout diferente, e não aquele template do Blogger. E foi assim que os dias cinzentos chegaram.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:44 PM

Arrependimento não mata. Apenas tortura.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:45 PM

E o que George Harrison – lá em cima, ao lado de minha mãe – tem para dizer sobre tudo isso?

*With every mistake we must surely be learning
while my guitar gently weeps*

Posted by Eduardo Spitzer | 8:50 PM

Sábado, Dezembro 01, 2001

Onde está o verão? Cadê as temperaturas altas? Será que o sol também fez bobagem e a sua namorada, esposa ou sei lá o quê, também o colocou no congelador?

Posted by Eduardo Spitzer | 3:57 PM

Eu me sinto como se estivesse de castigo. E o meu corpo está cansado. Tenho dormido pouco e mal. Meu pai ainda não sabe qual é o nosso próximo destino. Tudo o que quero é sair logo de Florianópolis. Até pensei em fugir para o aeroporto e pegar um avião para Belo Horizonte. Se tivesse certeza de que Ana Teresa fosse me receber... Mas acho que ela falou sério quando disse que era para eu ficar viajando sozinho com o meu pai. Tudo bem. Aceito o meu castigo. Só espero ser recompensado.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:00 PM

Tenho recebido muitos e-mails.

Vc é o cara mais burro que já conheci.

Eu não gostava mesmo daquela Ana.

Como é que você foi capaz de fazer isso?

Homens... Bah!

Por que, afinal, vc só chama a Ana Teresa de Ana Teresa? Que coisa mais formal!

É... Agora minha vida é um blog aberto.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:11 PM

Domingo, Dezembro 02, 2001

Sábados sempre me lembraram aniversário. Deve ser porque o primeiro aniversário que me lembro caiu num sábado. Durante alguns anos pensei que sempre iria ter uma festa todos os sábados. Foi meio frustrante quando descobri a verdade. O fato é que este sábado fez eu me sentir mais velho. Tentei ficar longe de meu pai o máximo possível. Não queria ficar ouvindo o que eu já sabia. Tudo o que sei é que ele decidiu que neste domingo de manhã nós pegamos a estrada. Só Deus sabe para onde.

Aproveitei que queria ficar sozinho e fui ver Harry Potter. O que não foi uma boa idéia. Fiquei pensando no dia em que eu levarei o meu filho ao cinema. E isso me deprimiu um bocado. Porque, do jeito que as coisas andam, pelo visto só vou poder ver o meu filho assim: aos sábados.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:15 AM

Prova de que estou ficando velho: ontem vi na TV a Zizi Possi cantando junto com a sua filha – eta, filho de novo – Luisa Possi. A música é da banda portuguesa Madredeus. Não gosto nem da Zizi, nem de Madredeus. Mas, nossa, aquilo me emocionou muito. Principalmente quando mãe e filha se abraçaram

num abraço longo, carinhoso, romântico até. Depois do cinema, fui direto para uma loja de discos comprar o CD Bossa. E a letra, que transcrevo aqui, é para você...

*Haja o que houver
eu estou aqui
haja o que houver
espero por ti
volta no vento
ó meu amor
volta depressa
por favor
há quanto tempo
já esqueci
porque fiquei
longe de ti
cada momento
é pior
volta no vento
por favor
eu sei, eu sei*

quem és para mim

haja o que houver

espero por ti

Posted by Eduardo Spitzer | 12:26 AM

Segunda-feira, Dezembro 03, 2001

Ontem à noite, quando chegamos a Joinville, ainda em Santa Catarina, o Blogger estava fora do ar.

Provavelmente deve estar em sincronia comigo.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:22 AM

O que vamos fazer em uma cidade como Joinville, só o meu pai sabe. Deve ser alguma espécie de penitência. Aliás, ele e a Ana Teresa conversaram ao telefone ontem à tarde. E depois ele veio com uma conversa de que vivo conectado à internet. Disse que da próxima vez vai procurar um hotel sem telefone.

Foi você que pediu isso Ana Teresa? Foi? Por quê? É tão horrível assim me ouvir pedir perdão?

Posted by Eduardo Spitzer | 8:31 AM

O chato de ficar em hotel é ter que acordar cedo para tomar café. Nunca vi nenhum hotel que não tivesse hora para terminar de servir o café da manhã. E

eu nem tenho costume de comer algo logo quando acordo. Mas é que dá um peso na consciência perder o café. Parece que também estou perdendo dinheiro. Bom, sei que é bobagem, mas é apenas um pensamento antes de nós sairmos por Joinville.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:35 AM

Sei que certos erros são difíceis de serem perdoados. Às vezes eu mesmo não consigo me perdoar. Mas corrigir é algo que posso tentar. Fiquei anos distante de meu pai e sempre pensei que nunca iria sentir falta disso. Minto. No fundo, algo me dizia que um dia iria me arrepender de ter trocado a presença dele pela voz de John Lennon, Elvis Presley, Bob Dylan e Fran Healy. E seria tarde demais. Por isso, acho que estar aqui, nesta cidade que não me atrai, é uma das melhores coisas que poderiam ter acontecido. Pelo meu filho, que espero não ser tão egoísta quanto eu, vou tentar ao máximo. Quero ganhar um amigo. Um amigo que esteve sempre por perto, mas que nunca o vi como amigo. Quero corrigir os meus erros. Sei que nunca serei perfeito. No entanto, todo mundo merece uma chance. As palavras estão soando desconexas? Sim, estão. Mas você sabe o que eu quero dizer.

Você sabe.

Eu sei que você sabe.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:32 PM

Desde que a minha mãe faleceu, há quase cinco anos, eu e meu pai nunca trocamos uma palavra sobre o assunto. Nem ao menos sentamos para beber um café e ficar lembrando dela. Talvez porque nossas lembranças sejam muito particulares: a mãe que guardei é bem diferente da esposa de meu pai. E Ana Teresa sempre soube deste distanciamento, desta barreira, deste buraco entre nós dois. Todo sábado ela me fazia prometer que no domingo iria convidar o meu pai para almoçar. Mas sempre escapava pela tangente. Agora, ela conseguiu o que queria. Por mais que deseje sair correndo para Belo Horizonte, não posso esquecer que tudo isso, toda esta viagem, todo este encontro é por ela também. Ela, a futura mãe do meu filho.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:33 PM

Então meu pai finalmente me disse por que estamos em Joinville.

– Foi aqui que... – ele dizia com a voz travada. – Que eu e sua mãe passamos parte da lua de mel.

Senti um frio na barriga. Sabia que um dia chegaríamos a este assunto, mas ainda não estava preparado.

– A gente morava em São Paulo e decidimos conhecer Santa Catarina de carro. Não foi a lua de mel dos sonhos de sua mãe, acho que ela sempre quis conhecer a Europa, mas foi muito bom...

– Mas... Mas você escolheu bem o lugar – falei tremendo. – Joinville tem muito da Europa.

– É... Ela adorou... Você sabe, ela sempre gostou muito de arte, de livros... Não é à toa que você seja assim... – senti uma certa mágoa em sua voz.

– Eu... – tentei dizer que sempre fui mais próximo de minha mãe, mas que existia muito dele dentro de mim, mas não consegui.

– ... Você me lembra muito a sua mãe – ele me interrompeu com a voz baixa, olhando para o resto do café em sua xícara. – Não pense você que às vezes eu me senti triste pela amizade de vocês dois, que eu não senti inveja, que eu não pensei “por que meu filho não conversa sobre carros comigo?”. Mas, hoje, acho que não há nada melhor do que ter você por perto. Você é o livro que a sua mãe não escreveu, é o quadro que ela não pintou...

E então ele levantou da mesa. Saiu da lanchonete e foi fumar um cigarro ao lado do carro. Eu fiquei alguns segundos ali sentado, sem saber o que fazer,

tentando descobrir o que a minha mãe faria em um momento desses. Mas me falta a coragem dela. Por isso, em vez de ir atrás de meu pai para dizer "ei, eu sou seu filho também", permaneci imóvel.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:45 PM

Terça-feira, Dezembro 04, 2001

O mundo dos blogs, quem diria, é uma comunidade. Tem lista de discussão, site coletivo e todo mundo vive colocando link do outro. Recebi alguns e-mails de pessoas que colocaram o link deste blog que agora você lê. Agradeço. Mas, me diga, qual é a graça de ficar acompanhando as desgraças dos outros?

Posted by Eduardo Spitzer | 12:34 PM

Ah, mas nem tudo é desgraça.

Ontem consegui abraçar o meu pai.

E olha que isso é raro de acontecer.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:35 PM

Agora pela manhã consegui ouvir uma conversa de meu pai com Ana Teresa. Não contei aqui, mas ele acabou ficando com o meu celular. Tem vezes que me sinto como um refém.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:37 PM

Alguns pedaços do que meu pai falou com Ana Teresa:

– Chutou de novo? Ah... Que lindo, Ana... É... Eu também queria estar aí... Mas a sua mãe está aí, né? Ela cuida de você. Bom, por aqui, está tudo bem. Estamos conseguindo conversar... Mas ele só pensa em pegar um avião e te ver de uma vez... Não sei se você será capaz de perdoar a criança que é meu filho, mas acho que ele te ama de verdade...

Confesso que esta conversa me chocou. Eu que sou filho do meu pai nunca havia falado com ele desse jeito. Na verdade, fiquei com ciúmes dos dois. O bom de tudo isso é que, se ela não me perdoar, pelo menos vai deixar meu pai ser um avô superpresente.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:41 PM

As pessoas são malucas. Veja só.

spitman

beleza? olha, estamos lendo todo dia o teu blog aqui na redação. e até fizemos uma aposta pra ver se vc fica ou não com a ana. eu apostei que sim. afinal,

confio em vcs dois. tem muita mulher aqui derretida com as tuas declarações, outras te odiando. tu tá virando uma espécie de supla dos blogs! hehehehe...

abraços.

p.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:44 PM

Gostei disso: confio em vocês dois.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:48 PM

Minha amiga Mel escreveu falando de uma banda americana chamada Trembling Blue Stars. Às vezes é melhor a gente se expressar por músicas mesmo.

*Do I only think what I did
was a stupid thing because
i did not get what I wanted
or would it have been no matter what?*

Posted by Eduardo Spitzer | 12:52 PM

Quarta-feira, Dezembro 05, 2001

O meu notebook está em coma. Não sei se foi vírus ou apenas um pau no Windows. O fato é que ele não responde, coitado. O cara da assistência técnica aqui de Joinville disse que não perdi os meus arquivos, mas que só vai poder me entregar o notebook amanhã. Isso fez com que nós mudássemos mais uma vez de planos. Estávamos prontos para sair da cidade e ir em direção a Curitiba. De qualquer maneira, estou gostando da cidade. É calma, bonita, limpa, perfeita para colocar um pouco a cabeça no lugar e tentar esquecer que sou um idiota que está prestes a ser chutado pela esposa.

Mas há coisas mais importantes a dizer.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:34 PM

Depois que descobri que o notebook só estaria pronto amanhã, saí correndo pela cidade em busca de algum lugar com acesso à internet. Acabei conseguindo convencer a dona do hotel a deixar eu usar o seu computador. É o vício do blog, você sabe. Além do mais, de uma em uma hora recebo telefonemas de pessoas perguntando se vou atualizar o meu blog. Ou seja, tenho um dever a cumprir com os meus leitores. Pode até parecer pretensão,

mas sinto que preciso cumprir com as expectativas deles – com as expectativas que você tem. E, então, quando abro minha caixa postal recebo um e-mail da Mel dizendo que acabo de perder uma leitora.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:40 PM

Ela se chamava Alison. Alison como a Alison de Elvis Costello. E ela morava nos Estados Unidos. E gostava de Yellow do Coldpaly como eu. E gostava da Mel como eu. E gostava de escrever como eu. E, mesmo com o seu português básico, ela lia este blog, torcendo para que eu e meu pai nos acertássemos, para que eu e Ana Teresa nos acertássemos, para que eu e meu filho nos acertássemos. E ela escreveu tudo isso para mim na segunda, invadindo a minha caixa postal com frases bilíngues e repletas de simpatia. E eu não respondi. E ontem Alison faleceu em um acidente de carro.

Sim, eu sei que deveria estar triste por Mel. Foi ela quem perdeu uma amiga, amante, confidente. Mas eu estou triste por mim também. Fiquei tão feliz com aquele e-mail – principalmente quando disse que gostaria que o seu pai soubesse português para ler este blog – e, mesmo assim, deixei para responder depois. E agora é tarde demais.

E então penso naquele velho clichê que é melhor a gente falar tudo o que sente hoje porque não sabemos o que pode acontecer amanhã. Por isso, Ana Teresa, se você está lendo estas palavras que saem dos meus dedos como lágrimas, por favor, atenda pelo menos uma vez o telefone. Eu quero, eu preciso, eu tenho esta necessidade urgente de pedir perdão, de dizer que amo você, de falar algumas palavras para o meu filho através de seus ouvidos.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:52 PM

Como diria Mr. Costello...

Alison

my aim is true

Posted by Eduardo Spitzer | 7:54 PM

Porra. O Grêmio perdeu mais uma. Três a zero para o Atlético Mineiro. Tragédia total. O meu time está cada vez mais parecido comigo.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:40 PM

Bom... Deixa eu ir antes que a dona do hotel me expulse do computador.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:42 PM

E Mel... Fique bem. :)

Posted by Eduardo Spitzer | 10:42 PM

Quinta-feira, Dezembro 06, 2001

O meu notebook ainda está em coma. O doutor deu um diagnóstico errado. Droga. Estarei sem computador por mais vinte e quatro horas no mínimo.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:15 PM

Sexta-feira, Dezembro 07, 2001

Da próxima vez que eu for comprar um computador, por favor alguém me lembre de que não há nada melhor do que um Macintosh.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:42 PM

E é bem mais bonito também.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:42 PM

Ontem, enquanto o meu pai jantava sozinho em Joinville, eu e Mel ficamos algumas horas conversando ao telefone. Ela é uma amiga recente, que apareceu na redação do jornal para fazer um trabalho de faculdade. Eu era o único jornalista disponível para uma conversa, já que estava enrolando para escrever uma resenha sobre o disco mais recente do Manic Street Preachers. Até porque não queria falar mal da banda, mesmo não tendo gostado do disco. E então Pedro disse para eu dar atenção àquela estudante cheia de tatuagens e piercings, com o cabelo raspado e sorriso de uma criança de seis anos de idade. Sempre gostei de bater papo com estudantes, acho que é uma forma de ficar mais perto da época da faculdade, vai saber. Eu e Mel conversamos na lanchonete do jornal, falei sobre o dia-a-dia da redação, essas coisas. Descobri

que ela editava um e-zine e fiquei todo interessado. Acabei colaborando com diversos textos que estavam esquecidos no HD do meu notebook e, sei lá por que diabos, fiz de Mel a minha mais nova confidente. Acho que é porque ela, mesmo sendo tão novinha, no início de seus vinte anos ainda, possui uma certa maturidade irresponsável. Se é que você me entende. Fora isso, é de uma sensibilidade que me deixa sem palavras.

E foi exatamente sobre amizade que eu e Mel conversamos ontem à noite. Ela estava triste por ter perdido uma amiga que, depois de quase três anos, reapareceu em sua vida e preencheu um grande espaço. Logo, Alison estava trocando e-mails com todos amigos de Mel, inclusive eu.

– É foda, Mel, ainda não vou descobrir como manter amizades de anos e anos.

Acho que só tenho um amigo da época do colégio...

– Você não tem essa impressão de que as pessoas vão e vêm de sua vida?

– Sempre tive.

– E de quem é a culpa?

– Minha, nossa, talvez...

– Ah, Eduardo, promete que não vai embora da minha vida?

– Prometo, claro, mas bem que você poderia me ajudar a manter a Ana Teresa em minha vida.

- O que eu posso fazer?
- Boa pergunta.
- Ótima pergunta, aliás.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:44 PM

É acho que ninguém pode me ajudar nessa empreitada. Só, quem sabe, o meu pai.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:45 PM

Falando no meu pai... Ele chegou no hotel ontem de madrugada. E, hum, estava acompanhado...

Posted by Eduardo Spitzer | 9:46 PM

Segunda-feira, Dezembro 10, 2001

Estes são dias estranhos.

Muito estranhos.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:01 AM

Eu sei que devo explicações a você. Mas, por favor, entenda: estou perdido no meio de Curitiba, a minha esposa não fala mais comigo, o meu pai está envolvido com uma mulher quase da minha idade e desde sábado John Lennon não sai do meu discman. É preciso colocar as coisas em ordem. Quando tudo fizer mais sentido, volto a escrever aqui.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:34 PM

Passei a madrugada toda de sexta tentando descobrir de quem era aquela voz feminina que vinha do quarto de meu pai. Estava surpreso, curioso e, confesso, até feliz. Afinal, desde a morte de minha mãe ele não desfrutava da companhia de uma mulher. Pelo menos é o que eu acho. Várias vezes tive o impulso de bater na porta, mas logo desisti. Seria muita indiscrição. Então, no café da manhã, dou de cara com o meu pai e uma jovem loira (na verdade, acho que todas as pessoas de Joinville são loiras).

– Oi... – ele disse. – Esta aqui é a Marta...

Fiquei sem resposta. Estava chocado.

– E este é o meu filho, o Eduardo – completou.

– Muito prazer – a tal Marta falou.

Logo percebi que estava sendo mal educado.

– Oi, Marta, o prazer é meu...

É lógico que os dois perceberam que eu estava em estado de choque. Esperava encontrar o meu pai ao lado de uma coroa, não ao lado de uma mulher da minha idade. Imaginei o que os meus irmãos iriam pensar. Então, ele pediu licença e me puxou para perto do buffet.

– Olha, Eduardo, eu sei que você deve estar pensando...

– Não tô pensando em nada, pai. Simplesmente não consigo...

– Eu estava sozinho no restaurante e...

– E...?

– E ela veio me atender e...

Quase caí no chão.

– Ela é uma garçonete?!?

– O que é que tem?

– Nada, desculpe, nada contra garçonetes, mas como...

– Como ela chegou até aqui?

– É...

– Bom... É que eu estava chorando, sabe, estava chorando porque foi naquele restaurante que eu e sua mãe jantamos na primeira noite de lua de mel... E ela quis saber... Ficou preocupada... Sentou na mesa... E...

– E...?

– E começamos a conversar...

– Continua.

– Conversamos até que descobri que ela também gosta de Ray Coniff.

Só poderia ser piada.

– Ray Coniff? Ray Coniff, pai?

– E então ela colocou um disco dele...

- Ela colocou um disco do Ray Coniff? Isso ainda existe?
- Posso continuar?
- Desculpe. Continua.
- E nós dançamos. E ela disse que eu era um cara bonito e atraente pra minha idade.
- E?
- E eu a convidei pra vir ao hotel.

Deu vontade de gritar “pára o mundo que eu quero descer”. Mas, de repente, percebi um olhar dos dois. Um olhar que eu conhecia bem. Era o jeito que eu e Ana Teresa nos olhávamos. Caralho. CARALHO. Meu pai estava apaixonado.

- Você tá apaixonado.
- Ela também.
- Mas tudo isso numa noite?
- Essas coisas acontecem.
- Ela deve estar interessada no seu dinheiro.
- Que dinheiro?

Era verdade. Que dinheiro? O meu pai era sustentado pelos filhos, ora bolas.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:52 PM

Difícil mesmo foi acreditar que Marta iria viajar com a gente para Curitiba. Ela e meu pai decidiram passar o final de semana juntos na capital do Paraná. Hoje, ela voltou para Joinville. A despedida chegou a ser triste. Sim, eu me emocionei. E o mais surpreendente é que os dois combinaram de se encontrar novamente em Belo Horizonte para passarem o Natal juntos.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:57 PM

- Eu gosto do seu pai.
- Não duvido disso.
- Duvida sim.
- Duvido que você goste de Ray Coniff.
- Eu gosto.
- Você tem a minha idade.
- E daí?
- E daí que deveria gostar de, sei lá, rock, pop, essas coisas... No mínimo, gostar de Dido.
- De quem?
- Em que mundo você vive?
- Eu gosto de seu pai. Juro. Não sou nenhuma porra louca, não.
- Tudo bem. Só não vá magoar o velho.

– Não fala assim dele... E, além do mais, quem é mestre em magoar os outros é você, não eu.

Até você, Marta?

Posted by Eduardo Spitzer | 10:01 PM

E enquanto o meu pai passou o final de semana todo trancado no quarto de hotel (ele me fez escolher uma suíte com banheira e cama king size), eu fiquei imóvel na cama ouvindo John Lennon. Isso sempre acontece no começo de dezembro. Ana Teresa nunca entendeu direito essa minha devoção a Lennon. Para falar a verdade, nem eu entendo. É que ele sempre me soou tão sincero, tão humano, tão verdadeiro. E a sua voz tem aquele poder mágico de cortar corações. Se é que você me entende.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:04 PM

Você já ouviu Be My Baby das Ronettes na voz de John Lennon? Não lembra nada o clima inocente da versão original. É um sofrido pedido de reconciliação.

So won't you please

be my, be my baby

Posted by Eduardo Spitzer | 10:09 PM

E-mail de Mel.

oi...

só queria te dizer uma coisa: alison me perdoou. depois de três anos, ela me perdoou. por isso, pode ter certeza de uma coisa.

a ana vai te perdoar... se ela te ama, ela perdoa.

fique bem.

mel

Será, Mel? Será?

Posted by Eduardo Spitzer | 10:13 PM

Terça-feira, Dezembro 11, 2001

Todo mundo tem o seu limite. Nesta madrugada, telefonei para Ana Teresa.

- A-alô? – ela disse ainda dormindo.
- Oi – falei, torcendo para que ela não acordasse e, pela manhã, lembrasse do telefonema como se fosse um sonho.
- Droga... – mas estava enganado. Ela acordou. – Já disse que não quero falar contigo.
- Mas...
- Sem essa, Eduardo, vou desligar...
- Só queria te contar que o pai tá...
- Eu sei.

Claro que ela sabia. Afinal, conversa com ele umas sessenta vezes por dia.

- Vou desligar.
- Eu te...
- Tchau.

Voltei para a cama arrasado. E, enquanto a TV passava imagens sem som, tive um pressentimento horrível de que as nossas conversas nunca mais seriam as mesmas.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:47 AM

Uma das coisas que sempre me impressionaram em Curitiba é o número de restaurantes que tem na cidade. É restaurante para tudo que é lado. Deve ser consequência do frio. Sabe como é, no inverno as pessoas comem muito mais.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:08 PM

Mas estamos em pleno verão. E o meu pai me convidou para comer sushi. É mais leve, segundo ele. Fiquei sem entender o convite. Afinal de contas, ele sempre foi contra comida japonesa, peixe cru, essas coisas. Mas, depois de pensar um pouco, percebi que era óbvio: o sushi só poderia ser coisa da Marta.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:10 PM

- Acho que precisamos conversar.
- Como assim?
- Nós não conversamos nada até agora.
- Claro que conversamos. Nestas duas semanas conversei contigo mais do que na minha vida inteira, acho.

– Deixa de ser burro, Eduardo.

Aquele “deixa de ser burro” com hálito de wasabi me fez lembrar de Ana Teresa. Imediatamente pensei no que ela estaria comendo no almoço. Você nunca faz isso? Nunca se pegou pensando no que outra pessoa estaria fazendo no mesmo momento que você? Geralmente eu faço isso com astros de rock. Tipo, “o que Ian McCulloch do Echo & The Bunnymen está fazendo agora?”. Mas ultimamente só tenho pensando em Ana Teresa. Será que ela estava almoçando? Ou ficou presa no escritório? E o que estaria comendo?

– Eduardo?

– Oi, pai. Tô aqui.

– O que eu quero dizer é que nestas duas semanas nós apenas ensaiamos uma conversa.

– Hã?

– Sim, nós conversamos, mas não conversamos sobre o que deveríamos conversar.

– Por exemplo?

– Por exemplo... Falamos pouco sobre a sua mãe, por que nós nos afastamos, por que o John Lennon é o seu herói e não eu.

É. Ele tinha razão. Mas, mesmo assim, resolvi deixar a bola ainda com ele.

– O que você quer saber primeiro?

– Não sei. Qualquer coisa é lucro.

– Sério, pai, não sei por onde começar.

– Você deve ter as suas dúvidas também.

– Tenho, claro, mas agora isso não é o mais importante.

– O que é?

– Você sabe, desculpe, acredito em você, mas não sei muito bem qual é a da Marta...

– Filho, você deveria ficar feliz...

– É, tô, mas também tô preocupado.

– Não fique.

– É que...

– Que...

– É que, por mais que eu sempre tenha torcido pra você encontrar outra pessoa, também acreditei que havia algo de bonito no fato de você nunca ter tirado a sua aliança.

– E não pretendo tirar. Pelo menos não agora.

– Você deixou de amá-la?

– Quem? A sua mãe? Claro que não... Nunca vou deixar...

– Então isso é uma espécie de infidelidade, não é?

Infidelidade com mortos. Só eu mesmo para pensar algo assim.

– Não, meu filho, claro que não... É apenas um passo à frente.

– Mas você já... Já traiu a mãe?

– Posso ser sincero?

– Claro.

– Fui casado durante mais de trinta anos com a sua mãe, e cresci em outra época, demorou muito até eu deixar de ser tão machista.

– Então você a traiu.

– Podemos dizer que... Sim...

– E?

– E é por acreditar que todo mundo merece uma segunda chance que estou ajudando você.

– Você? Me ajudando? Nem me deixa falar com a Ana Teresa.

– Mas você é burro, mesmo. Claro que estou do teu lado. Sou teu pai, ué. E eu estou ajudando você, afinal, sei como é estar na sua pele.

– Minha pele?

– É... Tentando desesperadamente pedir perdão para a mulher que você ama.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:20 PM

Tudo bem. Eu e meu pai não conversamos tudo o que deveríamos na hora do almoço. Mas aquele sushi foi histórico. Saímos sorrindo, dividindo uma cumplicidade que nunca tivemos. Ele resolveu descansar no hotel e eu decidi passar a tarde toda caminhando por Curitiba. Resolvi me perder um pouco. E quanto mais me perdia, mais percebia que as coisas aos poucos estavam se encaixando. Na verdade, John Lennon não fora o meu herói na minha infância. O meu herói sempre fora a minha mãe. E, mesmo sabendo que o meu pai também teve os seus dias de filho da puta, senti que não deveria julgá-lo, que não deveria rezar e contar tudo para a minha mãe. Até porque ela já deve saber. Aliás... Pensando melhor, acredito que a gente não precisa de pai-herói. Tudo que precisamos é de um amigo. Um amigo com quem a gente pode contar. E vice-versa.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:28 PM

Recado da banda Gorkys Zycotic Mynzi para a Ana Teresa.

I wanna honeymoon with you
Coz i'm feeling so blue
And if i honeymoon with you
i'll get rid of these blues

ooh, ooh, ooh get rid of these blues

Posted by Eduardo Spitzer | 10:38 PM

Nós ainda não tivemos nossa lua de mel, lembra?

Posted by Eduardo Spitzer | 10:43 PM

Quarta-feira, Dezembro 12, 2001

Jurei para mim mesmo que nunca mais colocaria o nome da Patrícia aqui (nada pessoal, viu?) Mas é que recebi um e-mail genial dela.

Spit

Não estou muito a fim de papo contigo... Mas preciso dizer que teu pai é apaixonante.

Beijinhos pros dois.

Pati

Posted by Eduardo Spitzer | 9:30 PM

Alguns minutos depois chegou outro e-mail de Patrícia.

E... Ah. Às vezes dá vontade de dar um abraço de urso em Deus. Veja só.

Spit

Eu de novo. Olha, não sei se isso ajuda... Mas preciso te contar a verdade. A verdade daquela noite. Sim, vc bebeu demais. E estava mal, muito mal, quase caindo. Uma vergonha. Vc não sabe beber, menino! E aí ofereci carona. Mas sabe como é... Eu tb estava bêbada. E te obriguei a ir pro meu apê. E, juro, juro que tentei alguma coisa contigo. Mas vc desmaiou. Ainda tirei a sua roupa. Mas já era tarde demais. Vê se posta esta msg no blog. Espero que ajude. Boa sorte.

Beijo.

Pati

Posted by Eduardo Spitzer | 9:38 PM

Você leu isso, Ana Teresa?

Leu? Leu? Leu?

Posted by Eduardo Spitzer | 9:42 PM

Quinta-feira, Dezembro 13, 2001

Já na primeira vez que conversamos, quando ainda éramos dois adolescentes, Ana Teresa deixou bem claro o quanto era decidida. Simplesmente me desafiou no quesito no qual sempre me achei invencível. Pelo menos na minha cabeça, uma menina que passava as tardes lendo Capricho nunca poderia ter uma opinião decente sobre música. E Ana Teresa tinha. Talvez fosse apenas teimosia, mas ela me fez acreditar que Dire Straits não era tão babaca assim e, por alguns segundos, cheguei a pensar que a minha banda do coração – Echo & The Bunnymen, se é você não sabe – era chata. E esta força em suas opiniões fez de Ana Teresa uma excelente advogada, uma profissional que sempre me orgulhou, apesar de nunca entender direito o que ela fazia. Por isso, foi muita estupidez da minha parte imaginar que ela me julgaria inocente.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:39 PM

Depois que recebi os e-mails da Patrícia, com toda a verdade sobre a noite que fez de 2001 um péssimo ano, decidi que iria fazer uma surpresa. Nem falei com o meu pai sobre assunto. Apenas transcrevi os e-mails no blog para que Ana Teresa pudesse ler tudo hoje de manhã. Conheço a minha esposa, ela é

curiosa, não deve passar um dia sem navegar por aqui. E então, hoje, em pleno café da manhã, o meu telefone celular toca.

– Oi, Ana – meu pai disse ao atender ao telefone.

O meu coração começou a bater mais forte. Parecia uma bateria desenfreada tocada por Keith Moon.

– Sim... Ele está aqui ao meu lado... O quê? Não, ele não me contou... E o que você acha disso? Sei, sei...

Só estava esperando ele me passar o telefone. E, então, eu e Ana Teresa começaríamos a ter uma daquelas conversas melosas, açucaradas e todo os hóspedes iriam me aplaudir. Mas estava enganado. Logo o meu pai desligaria o telefone.

– Ela desligou – ele disse enquanto passava manteiga nas torradas.

– Como assim desligou? – falei inconformado. – Ela deveria estar fazendo as pazes comigo agora...

– Mas não vai – meu pai parecia muito tranqüilo. Por alguns segundos, tive vontade de pegá-lo pelos braços e começar a balançá-lo. – Estive pensando... Vamos para a Ilha do Mel?

Que espécie de pai era aquele? Ilha do Mel? Quem é estaria preocupado com uma ilha cheia de hippies naquela altura do campeonato?

– Puxa, pai, você disse que iria me ajudar...

– E estou...

– Mas então me diga alguma coisa...

– Às vezes você me surpreende com a falta de conhecimento sobre as mulheres. Acha mesmo que a Ana caiu naquela história?

– Mas é verdade.

– Pode até ser, e eu acredito em você. Mas sendo verdade ou não, o fato é que, na cabeça de Ana, você ainda tem culpa.

– E o que você tá fazendo pra me ajudar? Apenas concordando com ela?

– Pense um pouco, Eduardo.

– Pensar no quê?

– Ela ainda fala comigo. E eu sou seu pai. Ela não iria fazer isso se não gostasse de você.

É... Até que as coisas faziam sentido.

– Além do mais, estou levando você para Belo Horizonte.

– E será que ela vai me perdoar quando chegarmos lá?

– Não sei – ele respondeu enquanto mexia o café com uma colher. – Sinceramente, não sei...

Posted by Eduardo Spitzer | 1:48 PM

E novamente eu sonhei com o Papai Noel cantor.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:50 PM

Consegui convencer o meu pai a não irmos para a Ilha do Mel. Lá deve ter muito sol. E sol é algo que me lembra Ana Teresa. Hoje pegamos a estrada em direção a São Paulo. Quero barulho. Quero confusão. Quero trânsito. Quero poluição. Quero, acima de tudo, me sentir pequeno. Porque pequeno é o que sou.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:52 PM

Como diz o meu oráculo John Lennon...

You don't know what you got, until you lose it

*you don't know what you got, until you lose it
you don't know what you got, until you lose it
oh baby, baby, baby gimme one more chance*

Posted by Eduardo Spitzer | 1:53 PM

Sexta-feira, Dezembro 14, 2001

Poucas cidades colocam tanto medo quanto São Paulo. Você passa a vida toda ouvindo histórias de como ela é gigante, perigosa, cheia de assaltantes e taxistas que dão voltas e voltas para enganar os turistas. O meu caso é ainda pior, já que as primeiras lembranças que tenho da capital paulista é de meu se perdendo de carro enquanto tentava encontrar a casa dos meus tios. Mas, à medida que fui crescendo, comecei a perder o medo da cidade. Por causa do trabalho, vim diversas para cá e sempre ficava num flat perto da Avenida Paulista (a última vez foi na cobertura do Free Jazz Festival). E, nos horários de folga, caminhava pela cidade, pegava o metrô, passeava pelo centro velho. E um dia percebi que este medo de São Paulo era pura invenção. Porque isto aqui é que é vida real, e não aquelas ruas arborizadas e cheias de pessoas sorrindo lá de Porto Alegre.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:17 PM

E São Paulo nos recepcionou com chuva. Às vezes parece que estou vivendo no meio dos cenários do filme Blade Runner.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:19 PM

Falando em Blade Runner, adoro aquela cena em que o Harrison Ford pega a Sean Young e diz "me beija". E ela apenas cola os seus lábios nos dele. Daí ele a agarra com mais força e fala "me beija". Assim, com mais força no "beija".

Queria ter esta certeza de que Ana Teresa iria me perdoar só para dizer "me beija".

Posted by Eduardo Spitzer | 5:21 PM

Hoje de manhã o meu pai conversava com Marta pelo telefone do hotel e, antes de desligar, me passou a ligação.

– Tudo bem, Eduardo?

– Tudo.

– Pode falar a verdade.

– Que verdade?

– Olha, teu pai não fala muito sobre tudo o que vem acontecendo contigo, mas... Mas ele me contou sobre um tal diário que você mantém na internet, não soube me explicar direito, afinal, acho que ele nunca colocou as mãos num computador, mas então pensei... Só pode ser um blog.

– E você me encontrou?

– Você não imagina do que o Google é capaz.

- Então eu não preciso te contar mais nada.
- Mas não quero que você me conte nada, só quero te dizer o que tá se passando na cabeça da Ana...
- Ah, vai me dizer que você também tá conversando com ela...
- Não... É que sou mulher também... E eu sei que o que importa não é se você transou ou não com a...
- Patrícia.
- Isso, Patrícia... O que importa é que você acordou no outro dia e pensou que tinha transado com ela...
- E?
- E se você pensou é porque sabia que isso poderia acontecer... Você não duvidou de nada.
- E?
- E mais nada. É isso.
- Então você acha que tenho culpa.
- Claro que tem.
- Posso te fazer uma pergunta.
- Faz, ué.
- Se você fosse a Ana Teresa...
- Não, Eduardo, desculpe, mas não. Se eu fosse a Ana eu não iria te perdoar.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:29 PM

Por que, afinal, as mulheres não perdoam? Ou será que somos nós, homens, que apenas fazemos bobagens imperdoáveis?

Posted by Eduardo Spitzer | 7:28 PM

Decidi afogar todas as minha mágoas comprando CDs. Peguei o metrô e me enfurnei nas galerias do centro de São Paulo, em busca de novidades. Fiquei zozinho com tantas bandas independentes e alternativas totalmente desconhecidas que encontrei na loja Bizarre. Além disso, me senti um ignorante total. O problema é que estou ficando velho. Quando era adolescente sempre achei ridículo aqueles caras de trinta e poucos anos que viviam falando que bons mesmo eram os Doors, os Stones, o Pink Floyd. Agora que estou entrando nos trinta, começo a pensar que nunca vai existir nada melhor do que os meus velhos amigos Bunnymen, Pixies, Smiths, Cure (o Lennon não conta, porque ele está logo abaixo de Deus). Então acabei saindo das galerias sem nenhum disco de banda nova. Em vez disso, comprei o novo Greatest Hits do Cure, com um CD bônus só com versões acústicas das músicas.

É a idade, é a idade...

Posted by Eduardo Spitzer | 7:31 PM

E ouvindo clássicos do Cure como Boys Don't Cry e Inbetween Days, lembrei de quando conheci Ana Teresa. Em um misto de nostalgia, amor, fofoca e arrependimento, decidi escrever um artigo sobre o disco. Mande para o Pedro, mas como não sei se ele vai publicar lá no jornal de Porto Alegre, resolvi postá-lo aqui.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:40 PM

Greatest Hitsory

por Eduardo Spitzer

Lotação esgotada, jovens histéricos e um certo ar de celebração. Ao ver toda comoção em torno do show dos escoceses Belle & Sebastian no Free Jazz, confesso que por alguns momentos acreditei que tudo não passava de exagero. Por favor, entenda: cresci ouvindo a poesia de Morrissey e os arranjos ultrasensíveis do Felt. Ou seja, Belle & Sebastian, pelo menos na minha opinião, sempre foi uma banda superestimada. No entanto, não havia como negar. Bastava olhar para aquela multidão de olhos marejados para ter certeza de que, sim, aquela era uma noite histórica. Eu posso ter saído do Jockey Club imune, mas grande parte das pessoas nunca mais irá esquecer aquela noite. Principalmente os adolescentes que encontraram as suas vidas nas delicadas melodias de Stuart Murdoch e companhia. Para eles, ver o Belle & Sebastian,

no auge de sua carreira, era como ter a trilha sonora de suas descobertas (primeiro beijo, primeiro namorado, primeiro fora, primeira desilusão, primeira transa e tantos outros primeiros) tocada em alto e bom som, e ainda por cima ao vivo. E é por isso que sou tão fascinado pela música pop. Porque nada é capaz de entender tanto o turbilhão de sentimentos do ser humano quanto ela. Você acha que estou ficando louco? Não, não estou. Eu sei do que estou falando. Há mais de dez anos atrás eu também me senti como os adolescentes do show do Belle & Sebastian. E este adolescente parece ter voltado, agora que ouço a terceira coletânea que o The Cure acaba de lançar.

Para quem nasceu depois de 1980, o The Cure pode ser apenas aquela banda de góticos que emplacou alguns hits nos anos 90. A verdade é que, por trás da maquiagem de Robert Smith, existe um dos maiores e melhores ícones do pop britânico. E o Cure nem precisava ter lançado este Greatest Hits para provar por que é tão essencial. Afinal, as coletâneas de singles Standing On A Beach e Galore cobrem o que a banda fez de melhor em seus mais de vinte anos de estrada. O que torna o Greatest Hits obrigatório é o disco bônus com todas as 18 músicas do playlist tocadas no formato acústico. A má notícia é que a edição brasileira não traz consigo esta pequena obra-prima. Por isso, se você tem um pouquinho de amor próprio invista uma grana a mais e compre o importado.

Ouvir 16 (as outras duas são as inéditas Cut Here e Just Say Yes) dos maiores clássicos do Cure gravadas com arranjos desplugados em 2001 é uma experiência única. Principalmente para quem presenciou o primeiro show que a banda fez no Brasil, no distante ano de 1987. É como se eu visse toda a minha adolescência passar à minha frente ao escutar gemas pop como Boys Don't Cry, A Forest, Lovecats, Let's Go To Bed, Inbetween Days, Close To Me e Just Like Heaven. Tudo o que aconteceu de importante na minha vida – da minha decisão em ser jornalista até conhecer aquela que hoje é a minha esposa – aconteceu em 1987. Foi ali que tudo começou. E boa parte da trilha sonora, claro, ficou a cargo do Cure.

Mas o genial do disco acústico é que, mesmo com tanta nostalgia, tudo soa muito novo. A voz de Robert Smith nunca esteve tão carregada de emoção. Se no início do Cure ele se limitava a cantar, agora ele interpreta. Há a realidade de quem já viveu quarenta anos quando ele diz “meninos não choram”. Em 1979, este verso era apenas inocente. Hoje, é uma trágica e irônica verdade. E canções que soam datadas em suas versões originais, como o clima escuro de A Forest e o flerte com o tecnopop de The Walk, ganham vida nova ao se tornarem o que elas realmente são: músicas pop de primeira qualidade.

É de se espantar também a beleza de Cut Here. Quando você acha que o Cure não tem mais o que dizer, a banda aparece com uma das melhores músicas do ano. E, se você não se importa que fale um pouco mais de mim, parece que Robert Smith ainda escreve algumas letras apenas pensando no que acontece na minha vida. No meio desta quase-balada, ele fala "porque é difícil pensar que não vou ter outra chance de abraçar você". Nunca um verso fez tanto sentido nos dias de hoje.

Ok. Para você, histórico mesmo foi o show do Belle & Sebastian. Até foi. Mas não estamos falando de história moderna. Quando se trata de bandas imortais como o Cure, estamos falando de outro tipo de história: a clássica.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:00 PM

Sábado, Dezembro 15, 2001

Mais um dia de chuva em São Paulo. Eu e meu pai procuramos algum lugar seco para passarmos a tarde, por isso ficamos rodando por um dos milhares de shoppings centers que existem na cidade. É incrível como o dinheiro move São Paulo. Por trás do cheiro de enxofre, você é capaz de sentir um aroma nada agradável.

O aroma de que sem dinheiro, meu amigo, você não é nada.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:36 PM

Mas nem sempre foi assim. Eu nunca me preocupei muito com dinheiro. A grande verdade é que sempre me julguei um cara independente. Um cara que poderia fazer o que desse na telha. E eu fiz. Mas o fato é que de independente eu não tenho nada. Sou uma pessoa egoísta.

E agora quero me preocupar com dinheiro. Quero. E sabe por quê? Porque tenho – ou tinha – uma família para ajudar a sustentar. E tudo o que desejo é que nada falte ao meu filho. Isso é um tanto óbvio. Só que, não sei se você me entende, às vezes é difícil aceitar que outras pessoas dependem de você. E não

apenas financeiramente... O que estou tentando dizer é que, ok, chegou a hora da confissão: eu sabia muito bem que estava indo para a casa de Patrícia naquela noite. Realmente não lembro se houve sexo. No entanto, tinha plena consciência de que aquele caminho que ela estava fazendo com o seu carro não era o caminho da casa de meu pai.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:43 PM

Caminhando no shopping center, pensei em comprar um presente de Natal para o meu filho. E, ao pedir ajuda do meu pai, ele me disse as verdades das quais sempre quis fugir.

– Você quer realmente dar um presente para o seu filho? – ele perguntou enquanto caminhávamos por uma loja de roupas para bebês. – Quer?

– Claro. É Natal.

– Você já experimentou fazer a mãe dele feliz?

Fiquei algum tempo sem saber o que dizer. Coloquei os meus braços sobre um berço. Respirei fundo e olhei para ele como se não soubesse onde ele queria chegar.

– Você já experimentou tentar entender a Ana?

- O que você tá querendo dizer?
- Estou querendo dizer o que ela nunca conseguiu dizer.
- Como assim?
- Eduardo, a Ana não era feliz com você.

Aquela frase soou como um soco no estômago.

– Vamos sair daqui – ele disse me puxando pelo braço. – Eu pago um café... E até deixo você fumar um cigarro na minha frente.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:56 PM

Segunda-feira, Dezembro 17, 2001

Parece que o mundo parou ontem para ver o final do Casa dos Artistas. E, confesso, era impossível não se emocionar com a Bárbara Paz.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:09 PM

E se você, que lê este blog, tivesse que decidir o final desta história? Qual seria? Eu ficaria ou não com Ana Teresa?

Escreva para eduardo_spitzer@yahoo.com.br e diga o que você acha.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:14 PM

O mundo veio abaixo, é verdade. Mas é preciso continuar.

Continuar com a viagem, pelo menos.

Porque o resto... Bem, já não sei mais onde tudo vai parar.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:19 PM

Hoje seguimos direto para Belo Horizonte. Deixamos a Avenida Paulista para trás e levamos junto a chuva. Talvez exista uma nuvem nos seguindo. Mas tudo bem. É preciso fazer o que deve ser feito. Vou ouvir Placebo no último volume e pedir para o meu pai acelerar. Às vezes apenas o som de uma guitarra é capaz de me fazer esquecer que existe um mundo desmoronando lá fora.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:25 PM

Terça-feira, Dezembro 18, 2001

Antes de mais nada, agradeço aos e-mails dos desconhecidos que, depois de quase trinta dias me acompanhando, já me tratam com uma certa intimidade. Obrigado Wanderlei, Edward, Lorena, Jú, Lucca, Jefferson, Carol, Flávia, Cláudia, Giorgia e Bruna.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:02 AM

Eu e meu pai nos hospedamos no mesmo flat em que Ana Teresa está. Ontem, quando chegamos em Belo Horizonte, queria bater à sua porta. Mas meu pai sabiamente disse para esperar. Depois que terminar de escrever este post, irei fazer plantão na porta de seu quarto. Minhas chances são mínimas. Mas ela carrega um filho que também é meu, então...

Posted by Eduardo Spitzer | 9:06 AM

– O que você está fazendo aqui, Dudu? – Dona Marta perguntou assustada assim que abriu a porta do apartamento. Só então percebi que a mãe de Ana Teresa tem o mesmo nome da namorada de meu pai. Pensando bem... Até que o meu pai e a Dona Marta poderiam fazer um belo casal, não fosse ela uma senhora muito bem casada. – A Ana sabe que você está aqui?

Deveria dizer que sim, a Ana Teresa sabe que estou aqui, afinal, ela e o meu pai conversam todos os dias, além do mais, está tudo escrito aqui neste blog, mas não consegui dizer uma única palavra. Até que...

– Quem tá aí, mãe? – era a voz de Ana Teresa. – É o Eduardo?

A voz dela começava a se aproximar. Dona Marta parecia sem jeito. Quando Ana Teresa surgiu na porta (e preciso dizer isso: tão linda vestindo um terno que a deixava com uma cintura de perder o fôlego) eu fiquei paralisado. Não sabia exatamente o que fazer, o que dizer, para onde olhar. E foi então que a ficha caiu. A gente estava quase um mês e meio separados, sem nos vermos e nunca tinha percebido o quanto sentia saudades dela. Tive vontade de abraçá-la, mas o medo da rejeição foi maior. E o seu jeito de me olhar era diferente, como se os seus olhos estivessem pesando todos os prós e contras de nossa relação. Sim. Eu estava sendo julgado.

– Onde tá o seu pai? – ela perguntou. – Pensei que vocês iriam parar no meio do caminho pra descansar.

– Viemos direto de São Paulo – eu disse. – E o meu pai tá lá quarto.

– Que quarto? – quis saber ela.

– Lá no terceiro andar – respondi.

Ela suspirou um suspiro nada agradável.

– Vocês estão aqui no flat?

– É... – foi tudo o que consegui dizer.

– Ok, Eduardo. Você me trai, expõe toda a nossa vida pra Deus e todo mundo, faz uma enquete pra saber se a gente tem que ficar junto e ainda tem a coragem de ficar no mesmo flat que o meu? Você não tem vergonha? Só falta me dizer que ainda vai escrever no teu diáriozinho todo o nosso diálogo!

Eu estava totalmente nervoso. Por isso apenas disse:

– Ei! Isso é jeito de me receber?

Então, ela fechou a porta na minha cara. Logo depois Dona Marta apareceu e falou:

– É melhor você ir embora.

– Mas...

– Vai... É melhor.

– Mas...

– E, ah, a Ana pediu pra chamar o seu pai.

Posted by Eduardo Spitzer | 12:58 PM

Diariozinho? Será que isto realmente é um diariozinho?

Posted by Eduardo Spitzer | 12:59 PM

E então o meu pai subiu para o apartamento de Ana Teresa.

E não voltou até agora.

As pessoas dizem para eu lutar.

Mas parece que Ana Teresa não quer que eu lute.

Talvez ela já tenha vencido.

Posted by Eduardo Spitzer | 1:01 PM

Fiquei esperando que meu pai chegasse do tal encontro com Ana Teresa até que adormeci. Acordei lá pelas três horas da tarde com a campainha do quarto. Era Dona Marta que, preocupada comigo, perguntou se eu não queria a acompanhar uma tarde de compras. Enfrentar um shopping center uma

semana antes do Natal não estava nos meus planos, mas pensei que uma conversa com a mãe de Ana Teresa poderia me fazer bem.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:13 PM

Ah, esqueci. Outra vez sonhei com o tal Papai Noel cantor.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:13 PM

– Nós vamos passar o Natal em Porto Alegre.

Esta foi a resposta fatídica de Dona Marta quando perguntei por que ela estava comprando presentes para todos os seus netos.

– Nós... Isso quer dizer que a Ana Teresa vai junto – concluí.

– É...

– Então... Então a Ana Teresa vai me deixar aqui sozinho?

– Você não achou que os planos continuavam em pé depois de tudo o que aconteceu, né?

Os planos. Ah, sim os planos. Se tudo tivesse dado certo, eu, Ana Teresa e meu pai passaríamos o Natal juntos. Provavelmente seria o primeiro Natal sem aquela cara deprimente de toda a minha vida. Disse bem: seria.

- Mas os vôos devem estar lotados...
- E estão...
- Então...
- Conseguimos lugar só para segunda de manhã.
- A senhora acha que até lá ela fala comigo?
- Espero que sim.

Opa! A sogra parecia estar do meu lado. Ótimo sinal.

- Quero dizer, espero que conversem... Não por você ou por ela. Pelo filho de vocês – ela completou e me deixou totalmente sem esperança. – Eu não quero julgar você. Mas não quero ver a minha filha com um marido sem-vergonha. Desculpe, Dudu, mas é o que você é.
- Mas... Mas... Eu tenho o direito de me explicar...
- Claro que tem. Mas da mesma forma que você tem o direito de se explicar, a Ana tem toda a razão em querer se separar de você – Dona Marta disse encerrando de vez a conversa.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:28 PM

Nunca gostei muito dos mineiros. Desculpe. Não é nada pessoal. É apenas preconceito de quem odeia o Clube da Esquina. A primeira coisa que pensei quando Ana Teresa me disse que tinha conseguido o emprego em Belo Horizonte foi que eu teria que ficar escutando o Clube da Esquina todo o santo dia. Mas depois pensei nos pães de queijo. E no fanatismo dos mineiros pelo futebol. Logo me acostumei com a idéia. Até porque lembrei que é aqui que fica umas das melhores produtoras de shows de rock do país: a Motor Music. E isso já é um bom motivo para gostar da cidade.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:35 PM

E foi quando eu estava admirando a cidade, da varanda do flat, que o meu pai chegou. Ele e Ana Teresa passaram o dia juntos. Mesmo sendo uma verdadeira workaholic, ela conseguiu uma folga. E ficou por aí, passeando com o meu pai. Veja só: o Senhor Spitzer é um cara que faz sucesso entre as jovens mulheres. Insisti para que contasse tudo, mas ele não quis entrar em muitos detalhes. Apenas disse que Ana Teresa chorou muito, mas que, no fundo, está conseguindo ver as coisas com uma certa felicidade. E lembrei que esse foi um dos motivos pelo qual eu me apaixonei por ela.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:43 PM

Ana Teresa tem o dom para ser feliz. Ou melhor, ela sabe ser feliz. E, então, enquanto o meu pai conversava com a Marta (a namorada, não a mãe de Ana Teresa) acendi um cigarro e sentei à frente deste notebook. Estou aqui na sua frente, ouvindo Turn do Travis em MP3 e prestes a fazer uma promessa para você.

Eu vou deixar esta lenga-lenga toda de lado e tentar ser feliz.

É piegas demais, eu sei.

Mas é preciso, como diz o sábio Fran Healy, dar uma virada.

Amanhã mesmo vou comprar uma caixa de charutos e sair distribuindo por aí. Não importa que todo mundo nesta cidade seja meu desconhecido. Quero mais é comemorar. Eu tenho um pedaço de Ana Teresa que vai estar sempre comigo. Eu vou ser pai. É isso aí. Então, me dá licença que vou aumentar o volume.

Posted by Eduardo Spitzer | 10:50 PM

Quarta-feira, Dezembro 19, 2001

Parece que até quem lê o blog começou a acreditar que realmente vou ser pai. Obrigado pelos parabéns. Depois eu pego o endereço de vocês e mando charutos.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:25 PM

Convidei Dona Marta e o meu pai para almoçarmos. Nem arrisquei em convidar a Ana Teresa. Comemoramos o meu filho – ou filha, desculpe, mas não tenho culpa que a língua portuguesa seja tão machista – com um churrasco que de gaúcho não tinha nada e muitas cervejas. Você vê como estou progredindo: consegui admitir para mim mesmo que estou grávido, me senti à vontade bebendo com o meu pai e até fiz piadas com a ex-atual sogra. Será que isso é amadurecer? Se é, meu amigo, isso é muito divertido.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:31 PM

- Você vai morar aqui?
- Não sei.
- Não sabe?
- A Ana Teresa vai morar aqui?

- Acho difícil.
- É... Se a gente se separar mesmo, é melhor ela voltar pra Porto Alegre e ficar perto dos amigos, da família...
- E você?
- Olha... Quero acompanhar a gravidez. Pelo menos isso. Será que ela deixa?
- Provavelmente.
- Então isso quer dizer que há boas chances de eu voltar.
- Eu não quero voltar.
- Como assim não quer voltar? Quer morar aqui? Aqui em Belo Horizonte?
- Não. Depois que eu e a Marta passarmos o Natal aqui com você, quero voltar com ela para Joinville.
- Você tá brincando...
- Não estou, Eduardo. Até já consegui um emprego.
- Emprego onde?
- No restaurante.
- Ela conseguiu um emprego para você no restaurante? Mas ela é garçonete...
- E dona.
- Dona?
- É.
- Tem certeza?
- Tenho. Você conta para os seus irmãos?

- Eu?
- É.
- Por que eu?
- Porque se você contar eu convenco a Ana a almoçar contigo na sexta.
- Na sexta? Por que não amanhã?
- Amanhã é quinta. Tem reunião-almoço.
- Você tá me chantageando...
- É uma ótima troca.
- Tudo bem. Negócio fechado.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:42 PM

Bom, queridos irmãos, está contado. Não foi por telefone. Mas está contado porque eu sei que vocês andam xeretando a minha vida aqui neste blog. E reclamações, por favor, liguem direto para o pai de vocês.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:45 PM

E Ana Teresa... Vê se aparece no almoço na sexta.

Posted by Eduardo Spitzer | 11:46 PM

Ah, e se não for pedir demais, será que dá para vestir uma roupa que apareça a sua barriga?

Posted by Eduardo Spitzer | 11:47 PM

Sexta-feira, Dezembro 21, 2001

É hoje.

Não peço sorte.

Ser perdoado já não é mais prioridade.

Ana Teresa aceitando as minhas desculpas está de muito, muito bom tamanho.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:11 AM

Ontem passei o dia inteiro conhecendo a cidade com o meu pai. Conversamos pouco. Apenas abrimos o vidro do carro, ouvimos muito John Lennon e nos perdemos por Belo Horizonte. Meus irmãos não paravam de ligar para saber mais sobre a mudança de meu pai para Joinville. Não quis me meter no assunto. Aliás, não quero me meter no assunto. Que ele, enfim, tenha uma vida depois da morte da minha mãe.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:14 AM

E voltamos tarde para casa. E ele me olhou com os olhos pesados. E me perguntou:

– Por que você deixou de ser o meu amigo?

Fiquei em silêncio. Como responder a uma pergunta dessas?

– Por quê, Eduardo?

Eu peguei um dos seus cigarros, acendi e disse:

– Não sei... Acho que depois que entrei na adolescência, comecei a pensar que nós nunca iríamos nos entender, que éramos diferentes demais...

– Mas sou seu pai. Muito do que tem aí dentro é parecido comigo – ele disse tocando nos meus ombros. E então eu o abracei. Queria dizer alguma coisa.

Mas tudo o que consegui dizer estava naquele abraço.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:20 AM

Ela chegou exatamente no horário marcado. O que não era um bom sinal, pensei. Mulheres fazem charme, chegam tarde, querem que os homens fiquem nervosos. Se Ana Teresa estava sendo pontual era porque estava decidida.

Significava que aquela conversa não serviria para nada. E, infelizmente, o meu instinto estava certo.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:15 PM

Eu mal pude admirá-la comemorando o início do verão em um vestido curtinho. Ao sentar na cadeira, ela imediatamente colocou a aliança sobre a mesa.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:17 PM

– Então é o fim? – perguntei.

Os seus olhos estavam marejados. Mas ela sabia segurar bem um choro. Respirou fundo e respondeu:

– É.

– Não adianta pedir uma chance...

– Não.

Comecei a ficar nervoso. Me arrependi de ter escolhido uma mesa para não fumantes.

– Posso pelo menos pedir desculpas?

– Pode.

- E você aceita?
- Aceito. Acho que devemos, quando tudo isso passar, pelo menos sermos amigos. Vai ser melhor pro nosso filho.
- E pra nós?
- Gosto de ti. Você sabe disso. Passamos bons tempos juntos, rimos muito e acho que isso foi o mais legal de tudo. Mas há meses que você não me faz gargalhar... Provavelmente eu teria pedido pra gente se separar daqui a algum tempo...
- Ou , quem sabe, eu poderia te fazer gargalhar de novo.
- Acho difícil.
- Por quê?
- Porque você mal me fazia sorrir...

Aquilo era injusto demais. Uma pisada na bola fazia todos os problemas ficarem maiores. E ela estava jogando coisas na minha cara que talvez nunca perceberia se ela não me dissesse.

- Nós não estávamos tão mal assim – tentei argumentar.
- Estávamos. Pelo menos para mim as coisas não andavam legais... E nem o fato de eu estar grávida melhorou tudo...
- Então você quis ficar grávida pra melhorar nosso relacionamento?

- Por um momento achei que sim. Agora, ter esta criança é tudo o que mais quero na vida...
- E você vai se mudar pra Porto Alegre?
- Não sei... Vou aproveitar a semana do Natal e do Ano Novo pra pensar nisso tudo...
- Eu quero ficar por perto...
- E vai. Não se preocupe.

E então nós almoçamos em silêncio. Ela nem notou que eu já havia feito o seu pedido, escolhido a sua carne predileta, o seu refrigerante de sempre, o copo apenas com gelo e sem limão. Apenas ficou ali, em silêncio, engolindo todas as minhas esperanças, uma por uma.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:27 PM

Na saída do restaurante ela me ofereceu carona, mas respondi que preferia sair caminhando por aí. E, quando já estava no caminho do estacionamento, voltou correndo e me puxou pelo braço.

- Esqueci de dizer...
- Hã?

– Fico feliz que você tenha feito esta viagem com o seu pai... Fico orgulhosa de ti...

– Isso tudo é só por sua causa...

– E ele gosta muito, muito, muito de ti, Eduardo, cuida bem dele, é uma grande pessoa...

– Eu sei que você gosta dele...

– Não, Eduardo, eu não tô falando de mim... Tô falando de vocês dois – ela disse segurando a minha mão. – Ele gosta muito de ti. Porque ele fez de tudo, tudo o que poderia pra que a gente ficasse juntos. Li no seu blog que ele disse que eu falei que só falaria com ele. É mentira. Eu já tinha feito a minha decisão. Não queria mais nada contigo. Queria falar contigo só mais uma vez pra terminar tudo. E ele me convenceu a pensar... Na verdade, Eduardo, foi ele que deu a idéia. Ele é que propôs pra que eu só falasse com ele. Cuida bem dele, por favor...

Posted by Eduardo Spitzer | 9:36 PM

É isso. A partir de hoje sou um cara separado. Mas ainda não tirei a aliança. Só que, se por um lado perdi a esposa, por outro ganhei um amigo. Um amigo que me faz pedidos estranhos. Como, por exemplo, ensiná-lo como se coloca uma camisinha.

Posted by Eduardo Spitzer | 9:38 PM

Sábado, Dezembro 22, 2001

Nossa. Nunca pensei que tivesse tantos amigos desconhecido por aí. Não tenho tempo para responder a todos os e-mails, mas gostaria de dizer que fico feliz que vocês estejam me dando apoio. Até porque sei que o filho da puta aqui sou eu. O que me leva a crer cada vez mais na teoria de que não existem heróis, nem vilões. Somos apenas pessoas. E, você sabe, pessoas são seres estranhos.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:52 PM

Mas hoje pela manhã, enquanto tomava banho antes de ir ao aeroporto junto com o meu pai para pegarmos a Marta, parece que a ficha caiu. E tudo começou com o xampu. Sim, o maldito xampu. O xampu que Ana Teresa escolheu para mim, já que nunca tive preocupação com o tipo de gel, sabonete, desodorante, creme, essas coisas. E, naquela hora, o frasco de xampu era a única herança concreta de Ana Teresa em minha vida. E então quis saber por que não mereci o seu perdão.

Posted by Eduardo Spitzer | 6:57 PM

– Você nunca me amou – disse enquanto ela embrulhava alguns presentes na sala de seu flat. Deixei que o meu pai fosse sozinho ao aeroporto e consegui

convencer Ana Teresa a conversar comigo depois do café da manhã. – Se me amasse, teria me perdoado.

– As coisas não são tão lógicas assim – respondeu ela. – O fato de eu não saber se te amo agora não significa que nunca te amei...

– Ah, então você não sabe se me ama... – falei num ato desesperado. – Então devemos apenas dar um tempo, não acha?

– Eduardo, já tive tempo suficiente pra pensar... E lógico que sempre vou sentir algo especial por ti, você é o pai desta criança aqui – ela disse apontando para a barriga. – O amor pode não acabar assim, mas nosso relacionamento pode. A gente simplesmente não funciona mais juntos.

E então percebi que ela estava segurando a caixa de luxo com todos os compactos dos Beatles em CD. Ela ainda tentou esconder, mas já não havia mais o que fazer.

– Isso é.. – gaguejei. – É o que tô pensando?

– É, é o seu presente de Natal...

– Ah.– sussurrei em um misto de esperança e uma vontade louca de colocar as mãos naqueles cds.

– Sei que você deve estar pensando que ainda te amo só porque comprei a caixa que você tanto queria – ela disse quando o meu sorriso começava a crescer. – Já tinha encomendado antes de tudo isso acontecer.

Fiquei alguns segundos olhando para Ana Teresa sem saber o que dizer. E comecei a imaginar que aquela cena poderia ser diferente. Provavelmente nós estaríamos ainda na cama, acordados mas com os corpos enroscados, com preguiça de levantar. Se eu o meu medo de transar com ela grávida – vai que o bebê veja tudo e fique traumatizado – passasse até poderíamos nos divertir um pouco. Mas não. Sou muito burro para ser feliz ou acreditar em histórias descomplicadas.

– Não comprei nada pra ti – quebrei o silêncio. – É que queria escolher algo aqui... Não sei algo especial...

– Não precisa, Eduardo.

– Precisa, sim.

E então ela se aproximou de mim e, pela primeira vez em semanas, me abraçou.

– Desculpe – sussurrou no meu ouvido. – Desculpe por não poder ficar contigo. Mas sempre vou te agradecer por este presente... Sempre...

Posted by Eduardo Spitzer | 7:18 PM

Apesar de problemas com overbooking, Marta finalmente chegou a Belo Horizonte. Hoje o meu pai vai para um apartamento com cama de casal e eu continuo sozinho por aqui. Tento procurar algum programa que me interesse neste sábado. Mas não há nada que eu queira fazer. A verdade é que gostaria de estar enfrentando um shopping center lotado ao lado da minha esposa, comprando presentes de Natal. Todo mundo deseja uma vida emocionante, cheia de aventuras. Mas tudo o que quero é uma vida simples, normal, ordinária.

Posted by Eduardo Spitzer | 7:31 PM

Domingo, Dezembro 23, 2001

spit

acho que não adianta mais torcer, né? desculpe se tive culpa nesta história toda.

grande abraço e feliz natal.

p.

É... Parece que até a minha torcida já jogou a toalha.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:25 PM

Mel telefonou no meio da tarde.

– Oi..

– Oi.

– Tá fazendo o quê?

– Tô deitado... Vendo a final do Brasileirão.

– Ah, então te ligo depois...

- Não, pode falar. Tá no intervalo.
- Só queria saber como você tá...
- Tô legal...
- E quando a Ana pega o avião pra cá?
- Amanhã cedo. O meu pai vai levá-la pro aeroporto...
- E você vai junto?
- Não sei... Acho que não vale a pena...
- Então você desistiu?
- Não desisti, mas...
- Mas?
- Mas é Natal, Mel, não quero ficar mais deprimido...

Posted by Eduardo Spitzer | 8:38 PM

No final do jogo, Ana Teresa telefonou.

- Esqueci de dizer, Eduardo...
- Esqueceu o quê?
- É menina...
- Menina? Quem é menina?
- O bebê, Eduardo, você vai ser pai de uma menina.

Todo mundo diz que os homens preferem ter um filho homem. Nunca havia pensando nisso. Mas, no fundo, acredito que também tinha uma certa preferência por um menino. Sempre tive este sonho de levar a criança ao estádio do Grêmio, essas coisas. Só que quando Ana Teresa me disse hoje à tarde que ela – nós – estávamos esperando uma menina... Nossa. Poucas vezes me senti tão feliz em minha vida.

– Quando você ficou sabendo? – perguntei com as lágrimas escorrendo. – Quando?

– Sexta de tarde – ela respondeu com um sorriso na voz. – Desculpe... Esqueci de te avisar...

– É a nossa...

– Sim, Eduardo – interrompeu ela. – É a nossa Maria Clara...

– Você não sabe como eu tô feliz...

– Eu sei... Eu também tô sentindo a mesma coisa...

Desligamos o telefone e, imediatamente, saí do flat, peguei um táxi e fui para um shopping center. Entrei numa joalheria e comprei um par de brincos para bebê. E também um daqueles pingentes em forma de menina que as mães usam.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:49 PM

Já perdi as contas de quantas mulheres magoei. Começando pela minha mãe e terminando pela Ana Teresa, passando pela Rejane da oitava série até a dona da cafeteria do jornal. Mas, ah, Maria Clara, você eu prometo, prometo mesmo, que nunca vou magoar. Você, a partir de hoje, é a única e verdadeira mulher da minha vida.

Posted by Eduardo Spitzer | 8:53 PM

Segunda-feira, Dezembro 24, 2001

Decidi não ir ao aeroporto. Não queria piorar as coisas. Afinal, é Natal. Pedi para o meu entregar os presentes para Ana Teresa. Lá do aeroporto ela me ligou.

- Obrigado...
- É... É pra vocês duas...
- Eu sei... Fico muito feliz...
- Bom Natal pra vocês, então...
- Bom Natal... Eu volto depois do Ano Novo... Mas pode deixar que te dou notícias...
- Cuida bem da Maria Clara.
- Cuido...
- Um beijo.
- Beijjos.

Desliguei o telefone. E voltei a dormir. Queria sonhar com a minha filha, mas acabei sonhando com o Papai Noel cantor.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:38 PM

Como hoje é véspera de Natal, vou ser breve. Tenho que tomar um banho, ligar para os amigos de Porto Alegre, colocar uma roupa decente e sair para jantar com o meu pai e a Marta. Vamos fazer a ceia num hotel aqui de Belo Horizonte. É meio impessoal, mas o que vale é que, pela primeira vez na minha vida, vou conversar com o meu pai durante a ceia. Quem sabe eu até consiga dizer a verdade. Quem sabe eu consiga dizer que o amo.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:42 PM

Então... Feliz Natal para todos.

E ho-ho-ho.

Posted by Eduardo Spitzer | 5:43 PM

Terça-feira, Dezembro 25, 2001

Lá pela uma hora da manhã, depois dos brindes e da ceia, Marta me convidou para dançar. Apesar de achar meio ridículo aquelas canções de baile, aceitei. Com o consentimento de meu pai, claro.

- Ele já falou sobre Joinville?
- Falou... Vocês têm certeza disso?
- E por que não teríamos?
- Sei lá... Vocês se conheceram há tão pouco tempo...
- Quanto tempo você levou pra saber que a Ana era a mulher de sua vida?
- Um dia, acho. Só que demoramos quase dez anos pra ficarmos juntos...
- Então... Você acha que eu e o seu pai devemos esperar?
- Não... É só estranho...
- Estranho?
- Tipo, você tem a minha idade...
- Ora, você tem uma madrasta que te entende...
- Mais ou menos, né?
- Mais ou menos por quê?
- Porque você acha que a Ana Teresa tem razão...

– E ela não tem?

Fiquei algum tempo em silêncio. Pensando na pergunta de Marta. E vi o meu pai sorrindo, olhando para Marta com o rosto cheio de felicidade. Percebi que já fazia um bom tempo que não olhava para Ana Teresa daquele jeito.

– É... – falei. – A Ana tem razão...

Posted by Eduardo Spitzer | 4:07 PM

Pela primeira vez na vida havia chamado Ana Teresa de Ana. Depois daquela dança, saí do salão e liguei para Porto Alegre.

– Feliz Natal, Ana.

– Quem é?

– Não reconhece a minha voz?

– Eduardo? Mas você nunca me chamou só de Ana...

– É que...

– Hã?

– Queria te dizer uma coisa... Acho que você tem razão em me largar, em fazer tudo o que fez... Você tem razão e tem todo o direito. Só que talvez não saiba que eu também já não estava mais apaixonado por ti. E dane-se quem acha

que o amor sustenta tudo... É preciso paixão, entende? Sem aqueles segundos em que o coração pára quando você pensa em alguém nada se sustenta... Por isso, sei que você pode me impedir de ficar contigo... Mas você não pode me impedir de me apaixonar por ti de novo...

– Mas não daria certo, Eduardo...

– Espere pra ver...

– Pra que se machucar mais?

– Porque vale a pena.

– Como você sabe?

– Eu sei. Eu vejo como o meu pai está diferente. Eu sei.

E a ligação caiu. Até agora não sei se foi ela que desligou ou o sinal do celular que estava horrível. Mas não importava mais.

Eu havia dado o meu recado.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:14 PM

Quando voltei para o salão imediatamente reconheci aquela música. E as notas no piano. E a voz tão rouca. Esfreguei os olhos para ver se não estava sonhando. Mas aquilo realmente era verdade. Olhei para o palco em busca de uma figura conhecida, em busca de alguém que vivia em meus sonhos, em

busca do Papai Noel cantor. Encontrei apenas o meu pai, sentado ao piano, tocando e cantando Happy Xmas do John Lennon.

– Não é lindo? – perguntou Marta com os olhos cheios de lágrimas. – Não sabia que ele tocava...

– Nem eu – respondi. – É ele mesmo?

– É... Ele disse que não tocava há quase vinte anos... – ela falou. – Parece que teve que vender o piano depois que ficou desempregado pela primeira vez...

– Mas ninguém nunca tocou no assunto lá em casa... – disse com um tom decepcionado.

De repente o meu pai se aproximou e falou:

– Era um assunto proibido...

E depois acrescentou:

– Entendeu agora por que você gosta tanto de John Lennon?

Posted by Eduardo Spitzer | 4:28 PM

Agora são quase cinco horas da tarde do dia de Natal de 2001. Acho que descobri demais nas últimas semanas. Descobri coisas sobre mim, sobre o meu pai, sobre a Ana Teresa, sobre o meu filho, sobre a vida. E dividi demais

também. Não sei o que vai ser daqui para frente. E também nem quero saber. Aliás, você também não vai saber.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:31 PM

É isso. Este blog termina por aqui. O que era para ser um teste acabou se tornando um vício. Um vício saudável. Mas agora tem que terminar. Obrigado a todos que me acompanharam nestas semanas. Quem sabe um dia eu escrevo um e-mail para vocês para dizer como está todo mundo.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:33 PM

Sign out.

Para sempre.

Posted by Eduardo Spitzer | 4:35 PM

Em memória de Bernardo Scooby Richetti.